

# **UM ESTUDO INTERGERACIONAL ENTRE OS AVÓS E NETOS ADOLESCENTES DA LEGIÃO MIRIM DE PEDERNEIRAS E O SERVIÇO SOCIAL NESSE CENÁRIO DE RELAÇÕES.**

RAFAELA IVELIZE BERTIZOLI\*  
MARIA DVANIL D'AVILA CALOBRIZZI\*\*

## **RESUMO**

Neste estudo buscou-se desvelar como ocorrem as relações entre os avós e os netos adolescentes da Legião Mirim de Pederneiras e as ações do Assistente Social neste cenário. A pesquisa desenvolveu-se de fevereiro a novembro de 2008. A intergeracionalidade só se efetivará através de ações integradas, ou seja, a relação dos adolescentes com os idosos. Para tanto foram entrevistados avós e adolescentes da Legião Mirim de Pederneiras, caracterizando-se por pesquisa quali- quantitativa, se efetivará através de formulário com perguntas abertas e fechadas e a técnica de coleta de dados optou-se pela entrevista. Realizou-se a pesquisa com 164 adolescentes de ambos os sexos, com amostragem de 19%, totalizando 31 adolescentes e com 20 avós, com amostragem de 50%, perfazendo 10 avós, atingindo um total de 41 sujeitos válidos. Os resultados apontam que a maioria dos netos adolescentes tem uma relação harmoniosa com seus avós e a maioria mora com seus pais. É preciso existir vínculos afetivos neste relacionamento entre avós e netos, para que ocorra um processo co-educativo adequado, como a transmissão de costumes, valores e sabedoria.

**Palavra – Chave:** Velhice. Geracional. Profissionalização.

---

\*Bacharelada em Serviço Social pela Faculdade de Serviço Social de Bauru, mantida pela Instituição Toledo de Ensino.

\*\*Possui graduação em Serviço Social - Instituição Toledo de Ensino (1989) e mestrado em Gerontologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Atualmente é Professora da Faculdade de Serviço Social de Bauru mantida pela Instituição Toledo de Ensino.

## **ABSTRACT**

The purpose of this study was to reveal the relationship between grandparents and their adolescent grandchildren of Legião Mirim in Pederneiras and the actions of the Social Worker in this scenario. The research was developed from February 2008 to November 2008. The intergenerationality is only possible through integrated actions, that is, the relationship between the elderly and the youngsters. The interview was chosen as the data collection technique. Grandparents and adolescents of Legião Mirim in Pederneiras were interviewed. A quali-quantitative research was performed using a form with open and closed questions. The study was carried out with 164 adolescents, of both genders, using the sample of 31 adolescents (19 %) and with 20 grandparents, using the sample of 10 grandparents (50 %), totalizing 41 subjects. The results point towards a harmonious relationship between most of the adolescent grandchildren and their grandparents. It also showed that most of the adolescents live with their parents. It is necessary the development of affective bonds between grandparents and their grandchildren. Such bonds shall contribute to an adequate co-educative process such as the transmission of traditions, values and wisdom.

**Key words:** Old age. Generational. Professionalization.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho discute a problemática da comunicação na família à luz das relações vinculares entre netos e avós. São evidentes os conflitos entre os avós na interação com os netos, mas de certa forma conseguem ter um ótimo relacionamento, se dando através da construção de parcerias entre as gerações mais jovens e as mais velhas.

Assim como a sociedade tem se modificado ao longo dos séculos, a estrutura familiar e os papéis desempenhados por cada membro desta instituição também vem se modificando. Ao ressaltar a alteração de papéis nas famílias, Goldani (2002) revela que estas vêm se constituindo como novos atores na sociedade e estão demonstrando que continuam subsistindo, embora com configurações bastante diferentes daquelas predominantes a décadas atrás (casal com filhos, e o homem como provedor e chefe).

A pesquisa foi realizada na Legião Mirim de Pederneiras, que é uma entidade civil, de caráter filantrópico, sem fins econômicos, tem por finalidade o atendimento educacional ao adolescente, bem como sua formação profissional e pessoal, posteriormente inseri-lo no mercado de trabalho educativo.

Nos últimos anos, com uma sociedade moderna industrializada, há um fenômeno mundial recorrente, que é a saída do indivíduo do cenário social via aposentadoria e, comumente, coincide com a entrada na velhice. Apesar da realidade demográfica apontar para um crescimento progressivo e expressivo da população idosa, que já vêm alcançando com facilidade faixas etárias longevas, o reengajamento funcional ou mesmo ocupacionais, não é estimulado ou mesmo valorizado por conta de imagens ainda preconceituosas ou estereotipadas do indivíduo envelhecido.

Com o aumento da longevidade no mundo todo, crescem os casos em que mais de duas gerações convivem em um mesmo domicílio, entretanto, nos últimos trinta anos, a sociedade foi marcada, por alterações nos arranjos familiares, na configuração sócio-demográfica da população e mesmo nos valores sociais. Tais alterações influenciaram as configurações familiares e também o tipo de cuidado que os avós dispensam aos seus netos.

A passagem da infância para a fase adulta, que caracteriza a adolescência, é um momento na vida do jovem de desenvolvimento da personalidade, descobertas, anseios e medos. Dependente da família, economicamente e afetivamente, o adolescente, não raramente, é um ser carente de proteção.

Entretanto os idosos podem cuidar e transmitir informações culturais para os seus netos, resgatando suas memórias e conhecimentos adquiridos através da experiência. O

adolescente é dotado de agilidade e avidez por conhecer, podendo impelir o velho a movimentar-se para acompanhá-lo, a revirar suas memórias e saberes para oferecer o que anseia. Essa proximidade pode ser vista com maior facilidade na relação entre avós e netos.

De modo geral os adolescentes se deparam com várias situações novas e pressões sociais, favorecendo condições próprias para que apresentem flutuações do humor e mudanças expressivas no comportamento. Assim, o papel dos avós na educação dos netos pode estar sendo delineado sob um novo aspecto na atualidade, baseado em diferentes formas de organização familiar. Os avós envolvem-se no cuidado dos netos, pois as relações sociais do adolescente, notadamente com os pais, são fontes de ansiedade, confusão e, muitas vezes, sentem que ninguém consegue entendê-los. Paralelamente, sobrevém a angústia de estar só e de ser incapaz de decidir corretamente seu futuro.

Assim, os avós têm a oportunidade com seus netos, de ter uma relação harmoniosa, que ultrapassa os limites práticos e instrumentais, inserindo-se no imaginário das partes envolvidas.

Entretanto, durante o estágio na Legião Mirim de Pederneiras, através dos atendimentos do Serviço Social, despertou-se o interesse pelo tema “Um estudo intergeracional entre os avós e os netos adolescentes da Legião Mirim de Pederneiras e o Serviço Social nesse cenário de relações”. Almejou-se o aprofundamento teórico sobre o tema.

A pesquisa levantou os objetivos e as expectativas dos usuários que estão sendo atingidos e para o Serviço Social servirá como base para outros profissionais analisarem a importância da relação familiar entre netos e avós, proporcionando a estes uma melhor qualidade de vida.

Foi realizada a pesquisa de forma quali-quantitativa e se efetivará através de formulário com perguntas abertas e fechadas, através da observação e da entrevista. O universo da pesquisa será constituído por 164 adolescentes de ambos os sexos, matriculados e freqüentando escola no Ensino Fundamental e Médio, na faixa etária de 14 a 17 anos e 11 meses. Valendo-se da amostragem não probabilística intencional, sendo que os sujeitos serão escolhidos intencionalmente de acordo com os objetivos da pesquisa, assim selecionando-se aleatoriamente netos adolescentes e avós, a pesquisa foi realizada com amostragem de 19%, totalizando 31 adolescentes e com 20 avós, com amostragem de 50%, perfazendo 10 avós, atingindo um total de 41 sujeitos válidos.

Realizou-se o pré-teste com 2 avós e 2 netos adolescentes, para a verificação da pertinência das questões, para a revisão dos instrumentais utilizados, estando de forma clara, não havendo necessidade de reformulações, aplicou-se a pesquisa de campo no período de

julho de 2008, posteriormente realizando limpeza do texto e procedendo-se a análise e interpretação dos dados.

Tendo como objeto de estudo a relação familiar entre netos e avós, com base no questionamento levantado, sugeriu-se como hipótese as relações entre avós e netos, se dão através do relacionamento familiar, a troca de experiências entre gerações é a oportunidade de compartilhar sabedoria, crescimento pessoal e aquisição de novos conhecimentos. Mas, muitas vezes, acontecem conflitos familiares entre avós e netos, na maioria sendo pela diferença de idade, ocasionando assim, um ambiente de desrespeito e até a exclusão do idoso do convívio familiar.

Embasado nesta hipótese, levantou-se como objetivo geral desvelar como ocorrem as relações entre os avós e os netos adolescentes da Legião Mirim de Pederneiras e as ações do Assistente Social neste cenário.

E tendo como objetivos específicos, revelar o perfil dos avós e dos adolescentes da Legião Mirim de Pederneiras, constatar as contribuições dos avós no cotidiano dos netos e vice-versa, identificar a existência de conflitos familiares entre avós e netos, revelar junto aos adolescentes as concepções sobre a velhice, verificar as ações do Serviço Social neste cenário.

Os objetivos da Legião Mirim de Pederneiras consistem em favorecer o desenvolvimento pessoal e profissional para o convívio no cotidiano da família e trabalho, valorizando as relações humanas, proporcionar o conhecimento das profissões, contribuindo para a identificação profissional e realização pessoal; despertar o interesse individual dos adolescentes para o aprimoramento sócio- profissional contínuo; oportunizar o desenvolvimento do interesse, habilidade e talento para atividades produtivas, através de cursos de aprendizagem, ressaltando a capacidade do ser humano em superar os obstáculos; inserir o usuário no mercado de trabalho. (Lei 10.097 de 19/12/2000).

Sendo que, a pesquisa terá como relevância proporcionar o conhecimento da relação familiar entre avós e netos, que será de suma importância para o Serviço Social da Instituição, entretanto podendo traçar novas alternativas de intervenção, na relação familiar e efetivar os direitos sociais dessa população.

Para aprofundamento teórico, foi necessário um estudo mais elaborado sobre o tema proposto para a pesquisa, buscando diferentes autores que enfatizam o processo de co-educação, a intergeracionalidade, conflitos familiares, adolescência, idoso, os quais serviram de base para a elaboração da fundamentação teórica.

Apresenta-se a seguir os dados colhidos, bem como sua discussão sistematizada em três eixos de análise: o perfil dos avós e dos adolescentes da Legião Mirim de Pederneiras; as

relações familiares entre os avós e os netos adolescentes e o Serviço Social na Legião Mirim de Pederneiras.

## **2 AS RELAÇÕES INTERGERACIONAIS DENTRO DA FAMÍLIA**

### **2.1 Retrato da 3ª idade na atualidade**

Falar em envelhecimento e velhice implica em entrar num mundo de ambigüidades, paradoxos e contradições, seja ele físico, psicológico, existencial ou social.

Dispõe o Estatuto do Idoso, Art. 2º que, O idoso goza de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhe, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, para preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade.

França, (1999, p. 23) afirma:

O planejamento de vida que preveja a distribuição do tempo e mudanças necessárias relativas à afetividade, à vida familiar, ao lazer, à participação sociocomunitária e um trabalho remunerado ou voluntário permite enfrentar objetivamente as condições frustrantes a que muitos aposentados se vêem expostos.

Sabe-se que a sociedade capitalista, explora e suga as pessoas, visando o lucro e o crescimento, sendo um ponto negativo, pois a qualidade de vida de uma pessoa é apenas focada no serviço, esquecendo a importância da atividade física, assim ocasionando na 3ª idade problemas respiratórios, vasculares, depressões, diabetes dentre outros.

Secco, (1999, p.12) explica que:

O envelhecimento embora marcado por mutações biológicas visíveis, é também cercado por determinantes sociais que tornam as concepções sobre a velhice variáveis de indivíduo para indivíduo, de cultura para cultura, de época para época. Deste modo, fica evidente a impossibilidade de pensarmos sobre o que significa ser velho, fora de um contexto histórico determinado.

Uma novidade sobre a velhice é o contínuo crescimento das taxas de expectativa de vida nos países desenvolvidos.

Pesquisas realizadas sobre a expectativa de vida dos idosos, diz que deve-se ao desenvolvimento da ciência e da tecnologia médica, que possibilita o aumento gradativo da expectativa de vida do ser humano.

Beauvoir, (1990, p. 75), ainda nessa perspectiva, destaca que:

Como todas as situações humanas, a velhice tem uma dimensão existencial: modifica a relação do indivíduo com o tempo e portanto, sua relação com o mundo e com própria história. Por outro lado, o homem não vive em estado natural. Na sua velhice, como em qualquer idade, seu estatuto é imposto pela sociedade à qual pertence (...).

A sociedade destina ao velho seu lugar e papel levando em conta sua idiossincrasia individual, sua impotência, sua experiência. Reciprocamente, o indivíduo é condicionado pela atitude prática e ideológica da sociedade em relação a ele. Não basta portanto, descrever de maneira analítica os diversos aspectos da velhice. Cada um desses aspectos vai reagir sobre os outros e ser afetado por todos esses outros. É nesse movimento indefinido dessa circularidade que é preciso apreender a velhice.

Ressalta-se que o crescimento da terceira idade é hoje um sério problema de saúde pública. Observa-se uma redução do índice de natalidade e um ganho da esperança de vida diminuindo assim, a taxa de mortalidade e um aumento absoluto e proporcional de idosos no país. Estima-se que em 2020, o número de idosos no Brasil será de aproximadamente 16.224.000, quando um em cada 13 brasileiros pertencerá à população idosa (Berquó, 1996). Por isso podemos prever um aumento de idosos residindo em instituições e em casas de repouso num futuro não muito distante.

Pozzo, (2001, p. 66) reforça quando fala em:

Criar melhores condições para que os idosos vivam, melhor, com menos doenças físicas, mentais, com melhor adaptação aos seus ambientes. Melhor que tratar os doentes, é prevenir, evitar, eliminar condições negativas que possam prejudicar as pessoas.

Conforme o Estatuto do Idoso, Art. 9º—“É obrigação do Estado, garantir à pessoa idosa a proteção à vida e à saúde, mediante efetivação de políticas sociais públicas que permitam um envelhecimento saudável e em condições de dignidade”.

Pode-se observar que a terceira idade está cada vez mais ganhando destaque na sociedade, seja pelos meios de comunicação em massa ou no tumultuado dia-a-dia, os “clubes da terceira idade”, centros/grupos de convivência”, comunidades de bairro e outros tipos de associações que lidam diariamente com pessoas idosas crescem em ritmo acelerado

na contemporaneidade. Pode-se dizer que isso é um reflexo do crescimento da população idosa brasileira que dobra seu número a cada 20 anos. Cerca de 14 milhões de brasileiros atualmente tem mais de 60 anos de idade.

Leme, (2001,p.35) pontua que:

O envelhecimento é cada vez mais em nossos dias, uma preocupação geral. Tal situação deriva, por um lado do progressivo aumento da população idosa em todo o mundo e particularmente no Brasil, que caminha a passos largos para se tornar um país com grande contingente de idosos; por outro lado, da expectativa de vida que a população deposita no progresso da ciência, que deveria tornar possível uma melhor qualidade de vida para a população mais velha.

É importante salientar que a velhice e o processo de envelhecimento são realidades heterogêneas. Podem variar de acordo com as culturas e subculturas, conforme os tempos históricos, entre as classes sociais, com as histórias de vida pessoais, com as condições educacionais, os estilos de vida, os gêneros, as profissões, as etnias etc., entre os muitos elementos que fazem parte e permeiam universo histórico e sociocultural de indivíduos e de grupos.

A respeito da pessoa idosa, Debert, (1999, p.65) diz que:

Uma das marcas da cultura contemporânea é, sem dúvida, a criação de uma série de etapas no interior da vida adulta ou no interior deste espaço que separa a juventude da velhice como “meia-idade”, “idade da loba”, a “terceira idade”, a “aposentadoria ativa”.

Destaca-se também a importância da atividade física em todas as etapas da vida, visando alcançar um envelhecimento bem sucedido, mas nunca sendo tarde para começar a se exercitar.

De acordo com Debert (1999), patologias que ocorrem durante o processo por fatores genéticos e relacionados ao ambiente ecológico, influenciarão também o modo de se envelhecer.

Com o aumento do índice do envelhecimento populacional gerou um estímulo pela busca de propiciar um envelhecimento com qualidade de vida. Entretanto os estabelecimentos que oferecem programas de atividades físicas estão se reestruturando para atender esse novo público.

Debert, (1999, p.32), considera que as idéias estabelecidas pela sociedade em relação à velhice, trata de uma tradição cultural, pois:

A velhice passa a ser objeto de cuidado e atenção especial, parece que começou a se realizar no Brasil de maneira lenta em processo que indica uma reviravolta importante na cultura com a velhice, um olhar e um início de reconhecimento social que não existe a memória da modernidade.

Como aponta o Estatuto do idoso, Art. 20. “O idoso tem direito a educação, cultura, esporte, lazer, diversões, espetáculos, produtos e serviços que respeitem sua peculiar condição de idade”.

Porém, quando se refere à qualidade de vida, o termo subsequente e imediato é saúde, no sentido mais amplo, como: físico, psíquico e social, contudo, para manter ou adquirir-se, se faz necessário cultivar e praticar hábitos saudáveis, dentre os quais inclui-se a atividade física.

Para Neri, (1995, p.38), envelhecer bem depende das chances do indivíduo quanto a usufruir de condições adequadas de educação, urbanização, habitação, saúde e trabalho, durante todo percurso de sua vida.

O Estatuto do Idoso, em seu artigo 8º, declara que “o envelhecimento é um direito personalíssimo e a sua proteção um direito social, nos termos desta Lei e da legislação”. Já o artigo 9º. apregoa que “é dever do Estado garantir à pessoa idosa a proteção à vida e a saúde, mediante efetivação de políticas sociais públicas que permitam um envelhecimento saudável e em condições de dignidade”.

Entretanto, o que se percebe é que o envelhecimento não é valorizado em sua essência e está cada vez mais associado à doença, tornando-se muito temido e marginalizado, chegando a ser combatido em busca de uma certa “cura”. Mas a maneira como a doença é encarada pelo indivíduo determina a possibilidade ou não de continuar com o seu cotidiano, seus planos, projetos e participar de novas ações.

Zimmerman, (2000, p. 21), considera que estas alterações acontecem por que:

... É natural e gradativa no indivíduo, salientando que essas transformações são gerais, as quais podem: verificar em idade mais precoce ou mais avançada e em maior grau ou menor grau, de acordo com o modo de vida de cada um.

As mudanças que ocorrem ao longo do processo de envelhecimento, podem substituir rotinas saudáveis por hábitos sedentários, acarretando sérios problemas para o idoso, como: redução no desempenho físico, diminuição da concentração mental, prejuízo da coordenação motora, perda de força e massa muscular, rebaixamento da auto-estima, insegurança,

isolamento social, apatia e perda de motivação.

Mas a evidência científica que vêm apontando os ganhos de uma vida mais ativa, isso depende do idoso querer uma ótima qualidade de vida, assim sendo, um trabalho orientado por profissionais, tendo como resultado do treinamento de força como: mais velocidade ao andar; mais equilíbrio; melhora da ingestão alimentar; diminuição da depressão; melhora dos reflexos; diminuição de problemas cardiovasculares dentre outros.

Pontua Duarte, (1993, p.55) que:

O envelhecimento é um processo que apresenta algumas características: “é universal, por ser natural não depende da vontade do indivíduo: todo ser nasce, desenvolve-se, cresce, envelhece e morre”. É irreversível, apesar de todo o avanço da medicina (...) nada impede o inexorável fenômeno, nem o faz reverter. É heterogêneo e individual, em cada espécie há uma velocidade própria para envelhecer... É deletério, danoso, pois leva a uma perda progressiva das funções. É intrínseco.

Barreto, (2001), coloca que a vida é uma constante possibilidade de adaptações e auto-regulações nas esferas biológicas, psicológicas e sociais. E ter saúde é preservar a qualidade de vida, encarando as dificuldades físicas, e emocionais existentes, cuidando delas e superando-as.

O Estatuto do Idoso, de 2003, é uma iniciativa que demonstra a preocupação de proporcionar à população alguns esclarecimentos sobre essa fase da vida, bem como mostrar a relevância de assegurar aos idosos uma velhice com mais dignidade.

Assim, o idoso goza de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, assegurando, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades para preservação de sua saúde física e mental e para seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade.

Entretanto, a velhice bem sucedida não é a manutenção ou conservação do desempenho de pessoas mais jovens. Envelhecer bem vai depender do equilíbrio entre as limitações e as potencialidades do indivíduo, o que lhe permitirá, com os diferentes graus de eficácia, lidar com as perdas de capacidades ocorridas durante o envelhecimento. Se tais perdas limitam a aprendizagem de novas habilidades, de coisas novas, em contrapartida, a experiência de vida facilita a solução de problemas da vida prática, traz a capacidade de aconselhamento e a troca de experiências.

## 2.1.1 A aceitação da velhice pelo sujeito que envelhece

No decorrer da vida a questão essencial é viver bem, o que é largamente aceito pelas pessoas. No entanto, percebe-se maior atenção a essa questão quando as pessoas se dão conta que a vida não dura para sempre. É justamente na fase da velhice que tais questões vêm a tona com maior impacto psicológico nestes sujeitos.

Oliveira, (1999, p.44-45) considera que:

O envelhecimento inicia-se por um processo de mutações biológicas, em que o desgaste físico, fruto dos anos vividos, é considerado por duas etapas, a do acréscimo e a do decréscimo. A primeira etapa envolve o desenvolvimento integral das capacidades, e a segunda, inicia-se pelo progresso reverso da primeira etapa, um desgaste gradativo que varia conforme as condições individuais e ambientais.

As diferentes maneiras de reação psicológica frente ao próprio envelhecimento, acabam por constituir diversos estilos de vida.

Alguns idosos, com a chegada da meia idade, se tornam muito deprimidos e sem esperança, se apartando totalmente da vida social, outros embora consigam manter certa vida de relações, mostram-se excessivamente defensivos, rancorosos, amargurados e nostálgicos, negando ou racionalizando seu envelhecimento.

Existem aqueles que não aceitam envelhecer, buscando o amor em pessoas mais jovens e atraentes. Muitos deles confundem amor com paixão e sabemos muito bem as diferenças entre um e outro.

Salgado, (1982, p.47), explica que a inadaptação do idoso reflete uma inadequação aos padrões sociais estabelecidos pela sociedade, isto impõem ao mesmo uma modificação em seus relacionamentos.

Outras pessoas, envelhecem o corpo, mas não amadurecem como pessoas. Seguem repetindo velhos padrões e não se preocupam em aprender e transformar aquilo que não está bom. Estas pessoas envelhecem com dificuldade.

Tal quadro acaba gerando um comportamento gerontofóbico, como lembra Shirmacher (2005), ou seja, um medo de envelhecer, uma aversão a esse processo, como se a velhice fosse uma “convidada indesejável” ou uma fase suportada.

No entanto há idosos que se encontram satisfeitos com as transformações de si mesmos e da realidade em que estão inseridos. Ouvem e aprendem com as outras pessoas, dando a elas a sua contribuição.

Mas muitas vezes sofrem com o declínio físico e com as restrições sociais impostas

aos que envelhecem, e minimizam o efeito deletério das perdas imaginárias sobre auto-imagem e auto - estima.

Bobbio, (1997, p. 28-29), a respeito dessa pluralidade de formas de envelhecer, diz que:

O velho satisfeito consigo mesmo, o velho da tradição retórica e o velho desesperado dão duas situações extremas. A eles me referi com especial destaque para induzir a refletir mais uma vez sobre a variedade de nossos sentimentos em relação à vida no pluriverso de valores contraditórios em que nos movemos e, portanto, sobre a dificuldade de compreender o mundo e, dentro do mundo, a nós mesmos. Entre esses dois extremos existe uma infinidade de outros modos de viver a velhice: a aceitação passiva, a resignação, a indiferença, a camuflagem de quem está obstinado em não ver as próprias rugas e o próprio enfraquecimento e se impõe a máscara da eterna juventude, rebelião consciente através do esforço contínuo, muitas vezes destinado ao fracasso, de continuar de modo inflexível o trabalho de sempre, ou, ao contrário, o distanciamento da agitação cotidiana e o recolhimento na reflexão ou na prece, o viver esta vida como se já fosse a outra, dissolvidos todos os vínculos mundanos. A velhice não está separada do resto da vida que a precede: é a continuação de nossa adolescência, juventude, maturidade.

Cada um é especial do seu jeito, tem idosos carentes, tem os idosos espertos, tem o idoso super ativo, tem o idoso atleta, ele é “bom” no vôlei, tem a idosa exagerada, tem a recatada, tem o idoso que não quer ser idoso, é o eterno jovem e tem o idoso-idoso, que se entrega mesmo, tem o idoso que vive na nostalgia, tem o idoso inteligentíssimo, que sabe tudo mesmo porque viveu muitas situações e é o exemplo do grupo, dentre outros tantos idosos.

Quanto mais velho for o indivíduo, a atitude discriminatória será mais intensa, já é possível perceber mudanças no tratamento dispensado às pessoas, quando estas ainda se encontram na meia-idade. Por isso, a qualidade de vida na Terceira Idade e o relacionamento desta com as outras gerações, depende de como se lida com esse momento de transição para a velhice. Deve-se levar em conta, é claro, as diferenças de condições e oportunidades sociais, culturais e econômicas que tem os indivíduos nessa fase da existência, numa sociedade com tantos excluídos.

O processo de adaptação do idoso às novidades que se apresentam dependerá, especialmente, das histórias pessoais de saúde e doença pelas quais passou e no modo como as enfrentou, das condições educacionais a ele oferecidas, as quais aproveitou ou deixou de aproveitar, do apoio do ambiente familiar e social, e, especialmente, dos recursos econômicos que lhe permita ter o acesso às tecnologias que contribuam para a compensação

das dificuldades cada vez maiores que lhe serão impostas pelo envelhecimento.

Com a promulgação da Constituição Federal em 1988, em que se fala em direitos humanos, cita a mulher, a criança, o índio, o negro, o idoso e a pessoa portadora de deficiência como exemplos privilegiados de “diferentes” que merecem respeito e as mesmas oportunidades dadas aos tidos como “normais”.

As crenças que o indivíduo idoso detém sobre si mesmo, suas relações com o mundo em que vive, além de suas expectativas sobre seu desempenho e seu futuro, contribuem de forma significativa para a qualidade de vida. A experiência direta e a interação social resultam na construção de uma nova identidade que se modifica, à medida que o indivíduo envelhece ou as características físico-anatômicas se modificam sensivelmente durante o processo de envelhecimento. As perdas, em geral, são mais sentidas e lamentadas. Os ganhos, ao contrário, são escassos ou pouco percebidos, com exceção daquelas atividades que antes não eram executadas e que agora esse indivíduo aprende ou re-aprende e atribui especial valor daqui por diante.

Lorda, (1998 p. 95) esclarece que é um equívoco inferir que os idosos não são criativos, pois:

...há evidências de que muitos artistas, músicos, escritores e cientistas produziram grandes obras após os 70 (setenta) anos (Bethoven, Picasso, Verdi, Wistin Churchill, dentre outros), concluindo-se, com isso, que a idade não determina, por si só, a criatividade e a capacidade de aprender do ancião.

O autor coloca também que a idéia de que os idosos não são produtivos emergiu na sociedade capitalista, que valoriza o indivíduo sob o critério da produção material. Para ele, é possível haver uma velhice saudável, ou seja, sem a presença de um conjunto de doenças que a essa idade são associadas.

Entretanto, é constrangedor ao idoso se deparar com o próprio envelhecimento ou com a imagem que os outros ou o nosso real espelho, possam ter de seus corpos, de suas marcas psíquicas, marcas essas que não podem ser desfeitas por nenhuma cirurgia plástica.

Muitas pessoas não percebem que o processo de envelhecer acontece cotidianamente, até que um dia a realidade que o tempo passou vem à tona, Zamlutti (1996, p.51) traz um relato que vem contribuir e reforçar com tal realidade, dizendo:

...hoje olhei-me no espelho e levei um susto vi o quanto estou envelhecida. Nem sei como sinto que envelheci, mas é engraçado que comecei a relacionar minha aparência com o modo diferente com que as pessoas têm me tratado ultimamente. Só hoje me dei

conta disso.

Os milagres nem sempre utópicos são até possíveis, mas apenas mascaram o corpo lapidado. A “lapidação” da mente, então, sofre com isso.

Muitos querem esquecer a própria idade, seja escondendo a carteira de identificação, ou extinguindo as rugas que os marcam. Mas as vivências de cada sujeito não se apagam no convívio social, embora o social signifique o “ser aceito”, o “ser incluído”, e o “pertencer”.

Ferrigno, (2003, p. 22), salienta que:

As dificuldades enfrentadas na velhice e na aposentadoria, como resultantes de toda uma existência marcada pela opressão dos mais elementares anseios, é o triste epílogo da vida da maioria dos trabalhadores. (...) muitas vezes, o idoso absorve a ideologia voraz do lucro e da eficácia e repete, é assim mesmo que deve acontecer, a gente perde a serventia, dá lugar aos moços.

Muitas vezes, a exclusão do idoso se dá de forma mais sutil, em geral disfarçada pela preocupação com cuidados excessivos. Tal premissa pode gerar o afastamento gradual e lento, no qual o indivíduo se vê sem espaços para desenvolver sua sociabilidade.

Para muitos autores, o envelhecimento é um processo da vida, de todo ser humano, para compreensão das transformações do envelhecimento e aceitação, Berlinck, (1996, p. 6) coloca:

São muitas e assustadoras as transformações que ocorrem no corpo durante a adolescência, já que nessa época da vida o sujeito se vê, de resto como sempre uma criança. Só que, nesse momento da vida ela enfrenta também, a adultez desconhecida e misteriosa. Algo semelhante ocorre na envelhescência. Quando menos se espera, a vista não mais alcança o ouvido não mais ouve, a pele enruga, os cabelos caem, o evidente descompasso com seu envelope.

Assim, envelhecer amando a vida é um grande privilégio, é o encontro consigo mesmo, mas nem sempre as pessoas aceitam a realidade de envelhecer.

Para Moragas, (1997), a velhice saudável constituiu-se a quem não tem doença nem deficiência. Contrariamente à crença popular, a maior parte dos idosos não está doente, nem aparenta deficiência.

Néri, (1991, p. 28), sobre esse aspecto afirma que:

Se os estágios de nossas vidas fossem divididos meramente à passagem do tempo, bastaria encontrar uma fonte da juventude para

reverter à direção, mas se boa parte de nossos problemas têm outra fontes, na precisamos acreditar em milagres.

Portanto, o envelhecimento traz aos sujeitos perdas diversas que vão desde a sua condição econômica até a perda do poder de decisão, além do que a perda de parentes e amigos e até mesmo da sua independência e autonomia, fatores que levam a sociedade a estigmatizar a velhice.

Assim, é muito importante para a pessoa que envelhece aceitar a si mesmo com confiança e flexibilidade, despojando-se de máscaras sociais. Esse pensamento estende-se a todos, pois a cada dia, passa-se por um processo de envelhecimento ou amadurecimento, independente da idade que se tenha.

### 2.1.2 O papel do idoso na família moderna

Na atualidade o idoso e a idosa tendem a continuar com alguma forma de trabalho após a aposentadoria, pois muitas vezes o papel do idoso na família moderna acaba sendo um fator fundamental para o sustento da família.

Porém, a condição financeira das famílias é baixo, pois no Brasil, em 25% das famílias, uma pessoa idosa contribui com 54% da renda e 87% dos homens idosos são considerados chefes de família. (IBGE, 2004).

Sendo um ponto que enfraquece esta adaptação aos padrões sociais são os laços familiares, pois existe uma perda gradativa, a qual, na perspectiva de Salgado (1982, p.48), diminui as responsabilidades como aponta:

Até determinada idade, as funções dos chefes de família são praticamente as mesmas, pesando sobre eles a manutenção e controle da casa e a educação dos filhos. Depois, quando os filhos se liberam, reduz-se o grupo familiar e com isso, diminuem as responsabilidades para os até então responsáveis.

Pode-se observar que uma grande parcela de pessoas idosas, no Brasil, ainda possui determinadas responsabilidades em seus lares, contribuindo economicamente com as famílias. O que pode representar a necessidade de manutenção de algum tipo de trabalho formal ou informal. Assim, a aposentadoria e pequenos serviços também garantem a renda da família.

A família brasileira do terceiro milênio está cada vez mais distanciada do modelo

tradicional, no qual o idoso ocupava lugar de destaque. Estamos vivendo um importante período de transição e mudanças, no qual se faz necessário o entendimento das transformações sociais e culturais que vem se processando nas últimas décadas, para enfrentarmos o nosso próprio processo de envelhecimento dentro de expectativas condizentes com as novas formas de organização familiar. No entanto, qualquer que seja a estrutura na qual se organizará a família do futuro, há a necessidade de se manterem os vínculos afetivos entre seus membros e os idosos. Nesta fase da vida, o que o idoso necessita é sentir-se valorizado, viver com dignidade, tranquilidade e receber a atenção e o carinho da família.

Nesse sentido, Pinto (1997) ressalta que além do despreparo familiar, também existe uma carência de recursos de suporte formal (instituições, profissionais) no Brasil. Assim, os cuidadores para idosos fragilizados são altamente dependentes de apoios informais, principalmente familiares, com algum envolvimento também de amigos, vizinhos e voluntários. Desse modo, para melhorar a situação dos idosos intervenções para o cuidador familiar devem ser priorizadas, visando fortalecer essa relação de cuidado.

A intervenção junto ao cuidador familiar propicia uma ajuda indireta ao idoso, através de melhorias no desempenho e envolvimento do cuidador. O objetivo é apoiar e orientar o próprio cuidador buscando melhorias na capacidade de entender seu papel, assim como na relação cotidiana de ambos, idoso e cuidador.

Néri, (1993, p.49) coloca que:

Prestar cuidados a um idoso muitas vezes leva o cuidador a reestruturar sua vida, alterando costumes, rotinas, hábitos e até mesmo a natureza de sua relação com o idoso. Na maioria das vezes, cuidar de um parente idoso representa um papel difícil, que facilmente compromete o bem-estar do cuidador. A necessidade de nova organização na vida de um cuidador familiar muitas vezes é marcada por aspectos considerados negativos, gerando tensão, angústia e um sentimento de sobrecarga.

A importância da família na vida do idoso começa desde a sua infância e adolescência, onde existe a proteção, o carinho e a educação. Continua com o apoio em diversos momentos da vida, na formação, no equilíbrio afetivo e no desenvolvimento físico e social. É através deste habitat que o ser humano cresce e se desenvolve, atingindo a vida adulta, onde sai do ninho para construir a sua própria família.

Apesar dos esforços despendidos para garantir uma velhice cada vez mais ativa e saudável, a maioria dos idosos experimenta alguma fragilidade nessa fase da vida. Quando os idosos precisam de ajuda, os filhos adultos costumam assumir o papel de cuidadores, por

terem um vínculo afetivo e uma responsabilidade culturalmente definida, conhecida como sua “obrigação filial” (BLEISZNER,1992).

A família é definida como um grupo enraizado numa sociedade que tem uma trajetória que lhe delega responsabilidades sociais. Especialmente perante o idoso, a família vem assumindo um papel importante e inovador, na medida em que o envelhecimento acelerado da população que estamos constatando é um processo recente e ainda pouco estudado pelas ciências sociais.

Andolfi (1983 apud ZIMERMAN, 2000), ressalta que:

A família é um sistema ativo em constante transformação, ou seja, um organismo complexo que se altera com o passar do tempo para assegurar a continuidade e o crescimento de seus membros componentes.

A Constituição Federal de 1988 apresenta a família como base da sociedade e coloca como dever da família, da sociedade e do Estado “amparar as pessoas idosas assegurando sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem estar e garantindo-lhes o direito à vida”.

Neste sentido, cabe aos membros da família entender essa pessoa em seu processo de vida, de transformações, conhecerem suas fragilidades, modificando sua visão e atitude sobre a velhice e colaborar para que o idoso mantenha sua posição junto ao grupo familiar e a sociedade.

Pavarini e Neri, (2000 p. 90) enfatizam que:

O caráter oneroso das tarefas já existentes nas rotinas da família moderna com as tarefas envolvidas no papel de cuidador familiar de um idoso tende a ficar mais evidente com o aumento da expectativa de vida na velhice e com o crescente número de idosos na população. As autoras questionam se o desequilíbrio cada vez mais evidente entre a oferta de serviços e a demanda de recursos de atendimento às necessidades dos idosos e de seus cuidadores não estariam contribuindo para a deterioração dos conceitos e das atitudes em relação à velhice.

Com as fragilidades que muitas vezes acompanham o processo de envelhecimento é comum surgirem conflitos entre os filhos quando a situação dos pais passa a lhes exigir novas responsabilidades e cuidados.

Na realidade, a família precisa de um período de adaptação para aceitar e administrar com serenidade a nova situação, de forma a respeitar as necessidades dos pais e evitar que se sintam um encargo para os filhos. Daí a importância do idoso concentrar esforços para , nos

mais diversos sentidos, não se entregar à inatividade evitando o mais possível o sentimento de dependência da família que tanto o aflige.

Ferrari, (1992, p. 42) afirma que:

Cuidar de um parente idoso requer respeito, afetividade, entendimento sobre envelhecimento e organização de tarefas diárias que envolvem o cuidador e o idoso. Hoje, o papel do idoso na família e na sociedade precisa ser revisto, já que nas últimas décadas o envelhecimento populacional e o aumento da longevidade das pessoas têm acarretado alterações nas dinâmicas familiares.

As mudanças que estão ocorrendo nas representações de família nas novas gerações estão exigindo formas alternativas de convívio familiar e conseqüentemente a reformulação de valores e de conceitos.

Rolla (1997, apud PINTOS, 1997, p. 16) conceitua assim a família:

É uma criação do ser humano que dá uma resposta ao desejo de ter um grupo de pessoas que atuem sobre interesses comuns e com um desenvolvimento afetivo, em que os afetos sejam recíprocos, para obter soluções para os problemas do ciclo vital.

Muitas vezes o idoso quando fica só, uma das poucas alternativas que lhe resta é ir morar com os filhos. Ao começar a fazer parte da nova família, ele participa da mesma com suas opiniões e experiências de vida, que por sua vez são diferentes da atual família. Isto pode gerar conflitos entre os membros familiares, que percebem o idoso como intruso e inconveniente.

Kaloustian, (1998, p.12) afirma que:

É a família que propicia os aportes afetivos e, sobretudo materiais necessários ao desenvolvimento e bem estar dos seus componentes. Ela desempenha um papel decisivo na educação formal, são em seu espaço que são absorvidos os valores éticos e humanitários, e onde se aprofundam os laços de solidariedade.

Porém, nem todo idoso se adapta facilmente a um quadro que leva a uma mudança no ambiente, onde as alterações podem levar a incapacidade de aceitar uma situação, como por exemplo, na viuvez, em que, além das alterações psíquicas, existem as alterações financeiras, mudança para morar com um outro filho, perda de sua individualidade e algumas vezes o

sentimento de inutilidade e de peso para o familiar.

A aposentadoria, as perdas funcionais e sociais levam muitas vezes o idoso a um quadro depressivo, onde a sua baixa auto estima acaba por desestruturar ele próprio e a família.

Entretanto, nesse cenário o Estatuto do Idoso representa, inegavelmente, um passo significativo na busca de conscientização da sociedade para a necessidade de valorização dos idosos, tanto pela família, como pela sociedade em geral.

### 2.1.3 A aceitação da velhice pela família

Desde o início da história da humanidade a família sempre existiu. Ela pode ser descrita como sendo um núcleo parental formado por pai, mãe e filhos (FUFT, 1991), constituindo uma relação institucional social entre pessoas de mesmo sangue, apresentando formas e finalidades diversas numa mesma época e lugar.

A família patriarcal, autoritária e monogâmica, vem sendo substituída por uma família desestruturada, desorientada, enfraquecida e liberal.

A Constituição Federal de 1988, apresenta a família como base da sociedade e coloca como dever da família, da sociedade e do Estado, amparar as pessoas idosas assegurando sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem estar e garantindo-lhes o direito à vida.

Pode-se também ressaltar que o aumento do número de divórcios, a independência feminina, o consumo de tóxicos pelos jovens, o capitalismo, o liberalismo levam a família a perder gradativamente seu papel estabelecido no passado.

O fato dos idosos viverem com os filhos não é garantia de presença, de respeito e prestígio, nem da ausência de maus-tratos. Denúncias de violência física contra idosos aparecem nos casos em que diferentes gerações convivem na mesma unidade doméstica. A violência familiar é um problema nacional e internacional. <sup>2/3</sup> dos agressores são filhos e cônjuges. (DEBERT, 1999).

Depois de certa idade, os filhos passam a cuidar dos pais, e nem sempre essa inversão natural é tranqüila para ambos os lados. Não há receitas de relacionamento, mas aceitar o fato, sem negligenciar ou superproteger, ajuda a nutrir essa relação tão delicada.

Goldani, (1999, p. 19) coloca que:

São numerosos os resultados de pesquisas internacionais que

desmistificam a idéia de que residir com os filhos ou fazer parte de uma família extensa é garantia para uma velhice segura ou livre de violência e maus-tratos.

Essa inversão entre pais e filhos, porém, vem ganhando esboços diferentes à medida que a população vive mais tempo.

Porém, as necessidades deles não são as nossas. Acostumados a tomar decisões e prover, seja com dinheiro ou um copo de leite quente na cama, os pais nem sempre se sentem à vontade para receber a atenção especial dos filhos. Não querem dar trabalho, como dizem. Também associam o cuidado à perda de autonomia e preferem tocar as coisas do jeito que sempre fizeram.

Saad (1999) e Peixoto (1998) colocam que, no Brasil, o intercâmbio de ajuda entre pais e filhos tende a se estender ao longo de todo o ciclo de vida familiar, como se existisse uma espécie de contrato intergeracional estipulando o papel dos diferentes membros da família em cada fase do ciclo.

Dados americanos mostram que “os idosos que têm filhas são mais bem cuidados”. Os homens têm mais dificuldade em aceitar o envelhecimento e a transformação dos pais em dependentes. Muitos deixam as tarefas para as irmãs, e outros não assumem nenhuma responsabilidade na questão. Só enfrentam quando a morte e a doença chegam para valer.

As relações e as atitudes estabelecidas pelas famílias com o idoso são quase nulas, acontecendo o mesmo com a sua valorização. Por essa razão, vem aumentando o número de instituições asilares de forma rápida e descontrolada, deixando dúvidas se os serviços estabelecidos por essas instituições atendem devidamente às suas necessidade. A sociedade transforma os idosos em um “estorvo” e, por isso, são depositados em instituições, isolados e ignorados como pessoas.

Goffman, (1974), define a instituição como um local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separadas da sociedade mais ampla, por considerável período de tempo, levam uma vida fechada e formalmente administrada.

A instituição asilar é regida pela Política Nacional do idoso (BRASIL. Lei 8.842 de 04/01/94) que diz: “É vedada à permanência de portadores de doenças que necessitam de assistência médica ou enfermagem em instituições asilares de caráter social”. Prioriza o atendimento ao idoso através de suas próprias famílias, em detrimento do atendimento asilar, à exceção dos idosos que não possuam condições que garantam sua própria sobrevivência.

Entretanto a modalidade asilar foi estabelecida para suprir a ausência da família e assistir o idoso nos casos de abandono ou pobreza.

A institucionalização para a grande maioria dos idosos é fonte de dor e tristeza, o ambiente se torna silencioso, indiferente, vazio, passando a representar os momentos finais de sua vida podendo contribuir para um maior problema psicológico do idoso: a depressão, ou seja, a institucionalização poderá gerar alterações de cunho biológicos, social e psicológico no idoso.

Conforme o Estatuto do Idoso, é obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público garantir ao(s) idoso (as), com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária.

Infelizmente a pessoa velha ainda é associada à “coisa” velha. O termo “velho” é geralmente retratado em um quadro de pobreza e abandono, no qual o indivíduo é marginalizado, infantilizado e tratado, às vezes, como inútil. Como coisas velhas que não são recicláveis, são descartadas na sociedade do descartável, o velho aponta para esse paradoxo, que é tanto social como psicológico, que é filosófico, ético e também político. Como ele é humano e não pode ser lançado fora, a sociedade tem seus meios sutis de descartá-lo.

Entretanto o que se percebe é que o envelhecimento não é valorizado em sua essência e está cada vez mais associado à doença, tornando-se muito temido e marginalizado, chegando a ser combatido em busca de uma certa “cura”.

As atividades de lazer, sem dúvida, são eficientes na preservação e mesmo na recuperação da saúde mental do idoso.

A maior parte dos idosos tem seu apoio na própria família. A família é o espaço da concretização do que é e será a sociedade. Ela representa, em grande parte o laboratório da sociedade do futuro. Quando a família despreza o idoso, o alerta deve ser para a sociedade. É importante lembrar que os pais vivem sempre entre duas famílias. Cada vez mais haverá um número maior de avós e menor de netos. É possível perceber que a família está satisfazendo menos as necessidades básicas do idoso e, cada vez mais, esta tarefa está sendo assumida por instituições.

A família saudável é aquela que convive nas três gerações, integra os avós dentro de seu ambiente. Ali se edificam valores que são transmitidos a todos os familiares pelos avós.

Assim, as relações familiares não se tornam diferentes com a possibilidade de pessoas viverem mais tempo, apenas tornam-se complexas devido ao número crescente de pessoas interagindo. O principal desafio será o de construir comportamentos sadios e empenhar-se em conseguir espaços adequados para todos.

Sem dúvida, também haverá uma condição elementar para que ocorra uma

convivência feliz entre os pais e filhos casados: o respeito mútuo. Torna-se necessário que os filhos respeitem a casa e os costumes de seus pais; que os pais tenham clara a consciência do respeito devido à família nova, criada pelo filho ou pela filha, na qual, além disso, existe uma pessoa, a nora ou o genro, que veio de outro ambiente e que merece por razões óbvias a máxima consideração, o máximo respeito a seu modo de ser e de fazer as coisas.

## **2.2 As relações dos adolescentes na família**

Convivendo no interior de uma família, o adolescente é parte integrante da mesma, compondo, em conjunto com os outros membros. Partilha, com a família, a questão da família pensada e família vivida.

Como consta no artigo 19 da lei de 13 de julho de 1990 – Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA:

Toda criança ou adolescente tem direito à ser criado e educado no seio de sua família e, excepcionalmente em família substitutiva assegurando a convivência familiar e comunitária(...).

Então, a família deve ser considerada e trabalhada no atendimento de adolescentes. Para muitos pais, a percepção de que o filho está se tornando um adolescente só acontece ao se darem conta das modificações corporais ocorridas com o mesmo. O desenvolvimento psicossocial não é considerado. Há muitas queixas associadas aos comportamentos dos filhos porque estes não são entendidos como característicos da adolescência, mas sim percebidos como "malcriação" dos filhos (comportamentos não aprovados). Muito frequentes são as queixas quanto à instabilidade de comportamento, indisciplina, rebeldia dos filhos.

É importante se considerar as expectativas da família frente ao adolescente. No processo de estabelecimento da identidade do adolescente, pede-se a ele independência em relação à família, ao mesmo tempo em que se espera dele comportamento de obediência e submissão. Em nossa sociedade, no geral, adolescência se caracteriza por uma condição que não é mais a de criança, mas nem deve ser ainda a do adulto.

É a "condição de adolescente", selada pela provisoriedade.

Os filhos lutam pela independência de modo ambivalente, ou seja, querendo e não querendo e os pais também se comportam de modo ambivalente, pois ao exigirem a independência de seus filhos com relação a eles mesmos, também o fazem de modo ambíguo, comportando-se como bloqueadores da independência dos filhos. Muitos pais

atuam com rigidez intensa frente a seus filhos, gerando conflitos. Outros atuam com permissividade extrema, deixando de orientar o filho num momento tão importante de estruturação de sua personalidade. O adolescente quer independência, mas também quer e precisa de limites.

Por outro lado, há muitos pais que compreendem a adolescência como um processo na vida do filho, agindo como facilitadores da vivência deste processo, ou seja, mantendo postura de diálogo, de abertura para com o filho.

Há pais que criam expectativas de desempenho em relação ao adolescente, às quais estes pode não corresponder (como exemplo: desempenho escolar, ingresso no mercado de trabalho). Em sua frustração, os pais podem rotular o adolescente como problema. É importante desmistificar o rótulo do adolescente como problema e refletir com a família sobre situações específicas.

Segundo Pavarini, (2000, p.47), os adolescentes, quando comentam sobre a forma como percebem o relacionamento com seus pais, enfatizam os seguintes aspectos:

- falta de diálogo;
- não aceitação das opiniões emitidas pelos adolescentes;
- proibição para saírem (festas, bailes, passeios com amigos) - sentem-se presos;
- falta de compreensão quanto a desejos dos adolescentes;
- pais como adultos, se colocam numa posição superior frente aos adolescentes;

A adolescência é uma fase evolutiva na vida do ser humano onde se busca uma nova forma de visão de si e do mundo; uma reedição de todo desenvolvimento infantil visando definir o caráter social, sexual, ideológico e vocacional.

Esse processo evolutivo ocorre dentro de um tempo individual e de forma pessoal em que o adolescente se vê envolvido com as manifestações de seus impulsos intuitivos exteriorizados através de suas condutas nem sempre aceitas como normais pela sociedade.

Pode-se dizer que adolescência é sinônimo de crise, pois o adolescente, em busca de identidade adulta, passa para o período “turbulento”, variável segundo o seu ecossistema (sócio-familiar).

O E.C.A.vem de encontro ao posicionamento da nossa sociedade atual, que enfatiza a família como a primeira instituição socializadora da criança.

Lane, (1997) coloca que:

A introdução do homem na sociedade é realizada pela socialização, inicialmente a primária e, posteriormente a secundária. Na nossa sociedade, a socialização primária ocorre dentro da família, e os aspectos internalizados serão aqueles decorrentes da inserção da família numa classe social, através da percepção que seus pais possuem do mundo, e do próprio caráter institucional da família...

Os mecanismos de socialização são estruturalmente engendrados e definidos. O processo de socialização só pode ser tratado como um processo evolutivo da condição social da criança, considerando-se sua origem de classe.

Como a família é a primeira instituição socializadora da criança, é ela que desempenha o papel de organizadora primária da sociabilidade e da sexualidade, bem como dos laços de dependência emocional entre seus membros. Na dependência das características da família é que vão surgir determinadas características do adolescente.

A influência marcante da família se dá no crescimento e desenvolvimento da criança e do adolescente e na natureza das relações estabelecidas com outros grupos sociais e instituições. O nível sócio-econômico, o grau de escolaridade, o tipo de ocupação, as características da habitação, o relacionamento entre os pais são alguns exemplos de circunstâncias ambientais que moldam as capacidades, atitudes e os comportamentos do adolescente.

Qualquer família pode passar por transformações do núcleo familiar tradicional e assim podemos lidar com maior frequência com problemas como: ausência de um dos pais, pais adotivos, vivência de um segundo núcleo familiar, aglomerados familiares e outros.

Não se pode negar que essas condições afetam o tipo de relação que o adolescente e a família estabelecem.

Algumas situações familiares podem ser responsabilizadas como favorecedoras de uma maior vulnerabilidade do adolescente à ocorrência de problemas e muitos autores lembram: o conflito entre os pais, modelos inadequados, extrema permissividade, extrema rigidez, disciplina inconsciente, contrastes de valores, inadequada educação sexual e outras.

No processo de maturação emocional do adolescente, geralmente um grande valor é atribuído à assim chamada "separação "ou desvinculação dos pais". Na verdade, não se trata de uma "separação", mas sim de uma modificação nas relações do adolescente com seus familiares, modificações essas necessárias e favoráveis a uma postura adulta e madura.

Sabe-se que a identificação e a ligação com suas famílias são aspectos importantes para o adolescente na construção de seus valores, atitudes e comportamentos. Nessa trajetória para o mundo adulto, a família permanece como marco referencial de modelos e papéis.

Deve-se dizer que a família também se altera e se transforma em função do desenvolvimento físico, intelectual, emocional e social do adolescente. Os pais de adolescentes passam, ao mesmo tempo, a sentir as mudanças dos filhos e as mudanças de seu próprio ciclo de vida. Em muitos casos, essa concomitância gera conflitos e grandes instabilidades emocionais.

### **2.3 Relações familiares entre avós e netos**

Cada etapa da existência há um conjunto de normas e de expectativas próprias de cada sociedade.

A transmissão de ensinamentos a partir do vivido fica mais imediatamente clara quando se fala de uma contribuição das gerações mais velhas para as mais novas.

Segundo Bosi, (1979, p. 32):

Há dimensões da aculturação que, sem os velhos, a educação dos adultos não alcança plenamente: o reviver do que se perdeu, de histórias, tradições, o reviver dos que já partiram e participam então de nossas conversas e esperanças; enfim, o poder que os velhos têm de tornar presentes na família os que se ausentaram, pois deles ainda ficou alguma coisa em nosso hábito de sorrir, de andar. Não se deixam para trás essas coisas, como desnecessárias. Esta fora, essa vontade de revivência, arranca do que passou seu caráter transitório, faz com que entre de modo constitutivo no presente.

As crianças, muitas atualmente escolarizadas logo cedo, desde os primeiros meses passam muitas horas em creches e instituições assemelhadas, porque pais e mães trabalham durante todo o dia. Na falta destes ou por outros motivos, inúmeras vivem permanentemente internadas em estabelecimentos especiais. Embora nesses locais haja contato com adultos, eles são poucos e estão aí principalmente para cuidar delas, fato que estabelece uma convivência mais restrita e restritiva, marcada por papéis bem definidos, com a marca da autoridade e do autoritarismo do adulto.

Além da circunscrição ao espaço da escola, onde a convivência mais freqüente se dá com seus pares, os adolescentes parecem especialmente motivados a formarem grupos de amizade compostos por indivíduos de mesma idade ou de idade bem próxima. Aliás, nas décadas mais recentes, parece estar havendo uma ênfase maior na formação de grupos com idéias, valores e hábitos bem semelhantes, fato que explica a significativa profusão das chamadas “tribos juvenis”.

O universo do adulto é formado em grande parte pelo mundo do trabalho, no qual as relações se dão basicamente com outros adultos. Também em sua maioria com outros adultos são os relacionamentos desenvolvidos em espaços dedicados ao estudo, ao lazer ou a alguma atividade de militância social, cultural, política ou religiosa. Essa faixa etária costuma ser dividida em subfaixas como a de adulto jovem, meia idade e velhice, com expectativas de desempenho de papéis mais ou menos definidos para cada uma delas.

O sociólogo Magalhães, (2000, p.37) em seu texto “Intergeracionalidade e Cidadania” descreve seu entendimento sobre gerações:

As gerações são mais que coortes demográficas. Envolvem segmentos sociais que comportam relações familiares, relações entre amigos e colegas de trabalho, entre vizinhos, entre grupos de esportes, artes, cultura e agremiações científicas. Implicam estilos de vida, modos de ser, saber e fazer, valores, idéias, padrões de comportamento, graus de absorção científica e tecnológica. Comporta memória, ciência, lendas, tabus, mitos, totens, referências religiosas e civis.

Muitos idosos, além da educação digital têm aprendido dos jovens inúmeros conhecimentos sobre novas tecnologias e, assim, descoberto um mundo novo e cheio de agradáveis surpresas. Na convivência com pessoas mais novas, os velhos tendem a compreender melhor os comportamentos da vida moderna, tornando-se mais tolerantes frente a assuntos polêmicos, como aqueles que envolvem a sexualidade, por exemplo.

Integração de gerações possibilita aos jovens uma educação para o envelhecimento e, aos idosos, acesso às novas tecnologias.

Ferrigno, (2003, p.26), analisa as trocas de afeto e de conhecimentos específicos que uma geração repassa à outra. Reafirma a importância da transmissão da memória cultural que os velhos transmitem aos jovens, mas também modelos de como reagir ao processo de envelhecimento e à proximidade da morte. Os moços, por sua vez, são importantes para os idosos, pois o convívio desenvolve nestes uma maior flexibilidade em relação a novos valores e comportamentos, além de lhes possibilitar um maior acesso às novas tecnologias.

Conclui o autor que a aproximação das gerações pode incrementar a inclusão social de velhos e jovens, enriquecendo-os mutuamente, desenvolvendo a tolerância e a solidariedade e amenizando, portanto, os efeitos deletérios do preconceito etário. Destaca, finalmente, o estratégico papel desempenhado por agências culturais de ensino informal e propõe a criação de atividades que incentivem esse convívio.

Goldman, (2002, p.1), define abaixo o conceito de conteúdo geracional:

Mesmo que cada geração tenha características e marcas próprias, compartilhadas por toda a sociedade, deve-se observar que as gerações não se apresentam sob a determinação de um único grupo, mas sim como referência aos grupos que formam o conjunto social. Essa síntese seria justamente o conteúdo geracional, ou melhor, através do conteúdo geracional determinados fenômenos culturais acabam simbolizando diferentes grupos etários e, como consequência, umas gerações inteiras. O conteúdo geracional se contempla questões como: solidariedade, amizade, união, esperança, e rebeldia, que se remete a um forte símbolo intergeracional.

A sociedade contemporânea caracteriza-se pelo distanciamento entre as gerações, mas a construção social das gerações se concretiza através do estabelecimento de valores e expectativas de conduta para cada uma delas, em diferentes etapas da história.

Novas relações por sua vez, determinam novos comportamentos das gerações, num movimento dialético e de retroalimentação permanente.

A relação entre avós e netos gera uma troca maravilhosa onde ambos ganham muito. Enquanto os avós ensinam o que sabem da sua experiência de vida e da história da família, os netos os levam a reviver o passado e, assim, elaborá-lo melhor.

Magalhães, (2000, p.41), entende intergeracionalidade como:

Estudo e prática das relações espontâneas entre geração e da indução e institucionalização de relações, intergeracionais, utilizando campos de ação próprios, com métodos e técnicas utilizados por agentes sociais, facilitadores e catalisadores das aproximações e interligações.

Os avós geralmente têm mais tempo disponível e mesmo que não tenham, possuem mais experiência ao lidar, seja com os pequenos ou os mais velhos. Ao lado dos avós não existem tantas ordens ou obrigações. Mais pacientes e tolerantes, advogados de plantão, quando surge uma bronca, ou mesmo uma briga, confidentes e muitas vezes quebra-galhos.

Nas relações com os netos surge a linguagem do afeto criando-se uma relação de cumplicidade entre as duas gerações.

Conforme destaca o sociólogo Dumazedier, (1992, p.9):

As velhas gerações continuam a ter uma função de transmissão de conhecimentos às novas gerações. Há uma atitude seletiva com respeito aos ensinamentos da tradição e as lições da experiência, seja no trabalho, seja nas relações sociais, na vida familiar, no lazer etc..., porque as pessoas idosas representam, antes de mais nada, uma memória coletiva. Se elas não transmitirem esse tipo de saber,

quem o fará?

Apesar de tantos mimos os avós precisam estar conscientes de sua importância para a formação das crianças. Os avós influenciam no desenvolvimento emocional, cognitivo e social, além de ajudarem na formação de valores dos netos.

Há situações em que convivem sob o mesmo teto avós, filhos casados e netos. Ou ainda, mesmo vivendo cada família em sua casa, os avós ficam com os netos longo tempo, porque os pais trabalham fora.

Paes, (2000, p.32) afirma que aproximar gerações é objetivo do trabalho social que busca quebrar barreiras geracionais, eliminar preconceitos e vencer discriminações. Através de métodos e de técnicas que levam ao esclarecimento e à reflexão, gerações se unem em torno de um interesse comum.

Outro processo de relação entre gerações encontra-se na transmissão educativa nas sociedades contemporâneas. Forquim (2003), afirma que as transições entre gerações constituem, com toda evidência, uma espécie de lei universal do mundo vivo. Porém, uma vez que estamos dentro da ordem da cultura (ordem das instituições das obras e dos signos) e não apenas na ordem da natureza, as transmissões biológicas deixam de ser suficientes e pedem para ser complementadas, auxiliadas ou substituídas por outras formas de transmissões, as quais são as transmissões educativas.

Conforme Goldani, (2004), a idéia de conflitos de gerações no Brasil vem sendo centralizada na discussão sobre como os gastos sociais podem responder às demandas desses segmentos etários, sobretudo na saúde, onde o custo social da população idosa é amplamente desproporcional ao custo da população jovem (VERAS, 1994).

Nessa situação e levando em conta que os pais estejam ausentes por grandes períodos não há como evitar uma maior interferência dos avós. O único perigo ocorre, caso os avós queiram imprimir valores e regras baseados na formação que tiveram ou que deram aos seus filhos. É provável que muitas vezes os avós contradigam as ordens dos pais, que por sua vez terminam impossibilitados de exercer a sua autoridade.

O convívio entre idosos e netos, as transformações que se operam são múltiplas e recíprocas, conforme relata Oliveira, (2003, p.6):

As crianças pouco a pouco vão, mesmo que sequer o saibam, forçando os velhos a se transformarem. Ora são levados a revirar o fundo da alma, avivando práticas esquecidas, memórias apagadas, conhecimentos relegados para trás... ora são levados por mãos infantis a conhecer novos brinquedos, outros hábitos, maneiras diferentes, programas nunca experimentados.

Essa situação termina por desencadear um jogo de poder gerando conflitos na educação que é dada aos netos. As crianças confundem os papéis de pais e o de avós e os adolescentes aproveitam essa brecha para fazerem o que querem. Não é certamente uma tarefa fácil. Existem situações que por força das circunstâncias os avós não podem vivenciar só o lado prazeroso da relação com as crianças. Apesar disso, os avós evidentemente não poderão, mesmo que quisessem, ocupar um lugar que não é deles.

Juntos, avós e pais, deverão buscar soluções que atendam a expectativa de ambos e não prejudique a educação dos filhos. Os pais deverão tomar as medidas apropriadas para evitar deixar toda a responsabilidade educativa nas costas dos avós.

E ainda, segundo Goldman, (2002, p.52):

A intergeracionalidade é o pano de fundo, sendo compreendido num processo circular no qual somos, ao mesmo tempo das influências e tradições da sociedade e culturas as quais pertencemos.

Assim, é preciso colocar os idosos e os jovens cientes de tudo que ocorre, tornando esses idosos mais ativos para discordarem, aprovarem, demonstrarem seus sentimentos, dispondo-se a transformar o cotidiano. Para isso, é preciso que se estabeleça uma rede de projetos e programas que visem a satisfação das necessidades do idoso e que essa rede possua interesse real em praticar ações que possibilitem a integração do idoso ao seu meio cultural e social promovendo a integração entre as gerações.

### 2.3.1 O adolescente legionário aprendiz no mercado de trabalho

O trabalho infanto-juvenil é uma realidade antiga de séculos, tem raízes profundas na história da humanidade.

Faz-se importante um breve apontamento histórico sobre o trabalho infanto-juvenil, a partir da Revolução Industrial no Ocidente, no século XIX, que, apoiada em Oliveira (1994), pode ser assim descrita: duas razões, uma de ordem técnica e outra econômica, propiciaram a ampliação da utilização de mão-de-obra infanto juvenil. Quando o processo de produção passou a se servir das máquinas, e então não havia mais necessidade da força bruta (capacidade masculina), foi dado um amplo espaço para a mão-de-obra feminina e infanto-juvenil, pois ambas eram abundantes e mais baratas. A partir daí os abusos foram tão intensos, que ainda naquele século emergiam movimentos sociais contra essas injustiças.

No entanto, foi bastante lenta a tramitação de leis para proteger o trabalho infanto-juvenil, porque, como sempre, o que mais se valorizava era o aspecto econômico e não o humano e o social.

Conforme Oliveira, (1995, p.5):

O trabalho é, inquestionavelmente, valor, como instrumento de realização da pessoa humana; posto, porém, no nível em que se situam a infância e a adolescência, subordina-se a outros valores tais como o direito de ser criança, direito a educação, ao convívio familiar, a saúde, ao lazer, a formação técnico- profissional, valores que não podem ser sacrificados e que exigem políticas públicas e ações de todos os segmentos da sociedade para preservá-los prioritariamente.

O trabalho das crianças e adolescentes está intimamente associado a renda de suas famílias e, assim relacionado à questão da pobreza decorrente da desigualdade econômica.

Sabóia, (1996, p. 26) reforça reflexão, afirmando que:

Para muitos estudiosos, a causa básica para o trabalho infanto-juvenil no Brasil é a pobreza. Entende o autor que para a redução do trabalho de crianças e adolescentes, necessariamente, torna-se obrigatório a redução da pobreza.

Segundo Costa, (2001) a pobreza da população brasileira pode ser melhor expressa quando se alivia dados estatísticos obtidos em 1998, que demonstraram que 33% dos brasileiros, cerca de 50 milhões de pessoas, vivem abaixo da linha da pobreza.

Conforme entrevista realizada por Polettini (2001), Sposati afirma que o país passa por uma crise social, econômica e política, revelando que a curva da relação entre a pobreza e a riqueza não se altera, ao contrário, vem ocorrendo à polarização e daí o aumento da exclusão social.

Rizzini, (1996, p.31) ao discorrer sobre essa questão, coloca que:

A ideologia do trabalho dói profundamente enraizada em nossa sociedade. O trabalho tornou-se valor inquestionável, mesmo o trabalho exercido em condições indignas e humilhantes. Ao pobre, o trabalho desde a mais tenra idade, como elemento educativo, formador e reabilitador.

Conforme Oliveira e Pires (1995) é preciso que se reconheça que o conjunto de condicionantes econômicos criou um outro, de natureza cultural: criança e adolescentes pobres precisam trabalhar. Tal formulação, aceita fatalismo pelos próprios pais, faz com que a necessidade seja encarada como virtude, enaltecendo-se os “efeitos benéficos/terapêuticos” do trabalho.

Comumente o trabalho da criança e do adolescente é visto e promovido como uma alternativa da vadiagem, como uma escolha inexorável dentro do dilema fechado: “ou a rua que é escola do crime, ou o trabalho que disciplina, forma o caráter e dignifica”. (OLIVEIRA e PIRES, 1995, p.254).

Assim sendo, seja qual for o trabalho, é uma alternativa de ocupação que é vista unilateralmente, enfocando-se apenas o meio e não se vislumbrando o seu fim. Por isso torna-se natural não se levantar questionamentos sobre as condições da atividade laboral do adolescente e dos danos que podem propiciar ao seu desenvolvimento.

Grande contingente de jovens estão entrando no mercado de trabalho por conta de fatores que se articulam nessa direção, é pelo fato das famílias precisar de uma complementação da renda familiar e a preocupação dos pais em ocupar o tempo ocioso dos adolescentes.

Segundo Pereira, (1994, p.47):

As tendências observadas sobre o trabalho do adolescente podem ser resumidas nos seguintes pontos:  
Atuam na economia formal, mas, sobretudo na informal e clandestina em atividades produtivas com resultados econômicos visíveis, mas pouco quantificáveis.  
São colocados em atividades mecânicas, repetitivas, caracterizadas pela imobilidade.  
Não há na maioria das inserções, mobilidade ou ascensão ocupacional.  
Em outras palavras, o adolescente vive sua adolescência no mundo do trabalho, não retirando dele nem mesmo um aprendizado que lhe permita ascensão. Atua somente em atividades cujo ponto terminal será o mesmo do início do trabalho.

A inserção precoce ou indevida do adolescente ao mundo do trabalho está associada, segundo o Centro Brasileiro para a Infância e Adolescência (CBIA, 1994) a:

- Pobreza decorrente da desigualdade econômica;
- Deficiência qualitativas e quantitativas do sistema educacional;
- Lacunas na legislação;
- Inexistência de controle na área;
- Vantagens obtidas pelos que exploram o trabalho infanto-juvenil;
- Falta de articulação entre órgãos que desenvolvem as ações sociais;
- Indiferença dos poderes públicos, dos sindicatos e da sociedade em geral.

Segundo Fontana, (2001, p. 117) “se no mundo capitalista do trabalho adulto, já causa sérios danos, o que pode acontecer no mundo juvenil, onde as formas de defesa e expressão ainda são frágeis?”.

É nesse sentido que a relação adolescência trabalho culmina com o prisma da exclusão, adulterando a adolescência. O trabalho precoce e sem qualificação acaba por emperrar o desenvolvimento humano e social do ser em formação, à medida que esgota possibilidades e capacidades, ocupando o lugar da escola, do lazer, do esporte, da cultura e de melhores condições de vida.

Como propugna Oliveira, (1994, p.181):

Não há um só caminho técnico para se atingir uma educação para o trabalho e pelo trabalho educativo, produtivo e gerador de renda. O importante é que ela se faça dentro da mesma filosofia que deve orientar a formação técnico-profissional, que preocupará em dar uma qualificação técnica polivalente e educar o cidadão com espírito crítico sobre o trabalho histórico que irá desenvolver.

O Estatuto da Criança e do Adolescente institui que, aos dezesesseis anos de idade, qualquer jovem pode ser contratado para trabalhar, Lei nº 10.097, de 19 de Dezembro de 2000, que altera dispositivos da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT. O artigo 428 desta Lei prevê o Contrato de Aprendizagem como um contrato de trabalho especial, ajustado por escrito e por prazo determinado, tendo, no caso deste Programa, prazo máximo de dois anos, em que o empregador se compromete a assegurar aos menores do Programa formação técnico-profissional metódica, compatível com seu desenvolvimento físico, moral e psicológico, além de tarefas necessárias a essa formação. Como tal, o adolescente usufrui de todos os direitos de um trabalhador qualquer, mas sem vínculo empregatício.

A atual legislação é eficaz ao disciplinar e proteger o trabalho infanto-juvenil, o que pode ser observado nas palavras de Vitor Russomano (apud LIBERATTI, 1991, p.20):

O menor de hoje será o trabalhador adulto de amanhã. Por sua pouca idade, por seu incipiente desenvolvimento mental e orgânico, a lei trabalhista lança na mão de todos os meios ao seu alcance, fim de evitar desgastes exagerados em seu corpo. É igualmente necessário que o trabalho executado pelo menor, por força das contingências da vida moderna, não prejudique a aquisição, através do estudo, dos conhecimentos mínimos indispensáveis à participação ativa do homem na vida do país. Só dando ao menor o que ele merece, defendendo a formação de seu espírito e a constituição de seu corpo, é que à sociedade poderá contar com homens úteis a si mesmos e à comunidade.

O trabalho não é, no entanto, um elemento destrutivo da formação humana enquanto expressão de relação social. O trabalho não é algo a ser repudiado. Na verdade, o que é inaceitável é a forma como ele se apresenta em determinadas circunstâncias, como na realidade vivida pela grande maioria dos adolescentes das camadas populares. Assim é no capitalismo, que além de atribuir um sentido moralizador ao trabalho, condiciona a qualidade da formação/escolarização.

O caminho é esse: trabalhar com as famílias e com os jovens, pois estes são os alicerces principais da humanidade.

O trabalho juvenil traz a assunção de responsabilidades, com a luta pela própria sobrevivência e/ou a do grupo familiar, num momento em que é necessário ao indivíduo obter garantias mínimas de segurança para a estruturação da autoconfiança e da identidade: vira adulto quando ainda está em formação e é reconhecido como tal juridicamente.

Nessa perspectiva, Caruso (apud MACHADO 1994, p.133), enfatiza a necessidade a formação profissional se valer do conceito de transferibilidade e explica dizendo que:

De acordo com este conceito, a estruturação do conteúdo formativo deve perceber a possibilidade do trabalhador percorrer vias profissionalizantes que conduzam ao seu crescimento profissional e a formação profissional possuirá um maior grau de validação social. (...) Transferidade é a capacidade do trabalhador em adaptar o conteúdo formativo aprendido a contextos diversos, caracterizados atualmente pela instabilidade e mutação, e requerendo dele (trabalhador) uma maior autonomia, iniciativa, participação e cooperação.

Muitas vezes o adolescente trabalhador não consegue conciliar escola e trabalho, pois a escola tem normas inflexíveis, desprezando a realidade do aluno.

O Orientador Educacional deve buscar e mediar a participação do aluno nas atividades e decisões escolares, a fim de estimulá-lo a continuar estudando, conscientizando-o do papel da formação na vida profissional do indivíduo.

Assim, a questão de evasão/defasagem escolar é um dos maiores dilemas na questão do trabalho juvenil e sobre isso afirma Pereira, (1996, p.331):

Trabalho e escola são duas situações dificilmente conciliáveis na realidade brasileira. Repensar “prioridades” neste setor é o grande desafio da atualidade.  
Efetivamente um dos grandes problemas brasileiros é a desistência dos alunos, filhos de famílias carentes que são obrigados a deixar escola.

É fundamental que haja transformações nas relações escolares e nas condições educacionais, para que se tenha uma educação de qualidade e formadora de profissionais competentes para o mercado de trabalho. Os pais e alunos devem ser ativos na participação das decisões da escola para dar voz à importância do trabalho e como ele deve ser conciliado com os estudos, sem desconsiderar os aspectos que os unem.

Sendo que a idade mínima para o trabalho é de 16 anos, salvo na condição de aprendiz, a partir de 14 anos.

Conforme Oliveira, (1994, p.67):

A norma de permissão do trabalho acima de determinada idade (...) exprime o “direito de trabalhar” com duas dimensões importantes: o seu titular pode exercê-lo, se quiser, sobretudo se ele precisar para sobreviver, o que implica, também, “direito subjetivo público ao trabalho”, porque pode exigir da sociedade que lhe dê essa oportunidade.

Antunes, (1996) aponta que o processo de trabalho é sobretudo combinação da forma e do espaço de realização da produção efetiva, sob certas condições, que são determinadas pelas relações sociais vigentes numa dada formação social e que são traduzidas em normas, relações organizacionais e mesmo valores, já que o processo de trabalho possui larga dimensão educativa.

Conforme Boff, (1999), o grande desafio para o ser humano hoje é combinar trabalho com cuidado, pois, estes, juntos, constituem a integralidade da experiência humana, visto que um está ligado a materialidade e outro a espiritualidade.

Entretanto, o assunto é abrangente e intrincado. Assim, é fundamental que a política pública de emprego esteja voltada para a qualificação profissional, considerando que o Programa Menor Aprendiz seja um integrador dessa ação, sendo, importante que haja flexibilidade e acordo entre o aluno, a escola e a empresa.

### 2.3.2 A Legião Mirim de Pederneiras

A legião Mirim de Pederneiras é uma entidade civil, de caráter filantrópico, sem fins lucrativos, que é administrada por uma diretoria voluntária e conta com os seguintes colaboradores: um administrador, um psicólogo, uma assistente social, duas estagiária de Serviço Social, uma cozinheira e dois legionários que prestam serviços internos e externos.

Esta entidade existe desde 1974, porém em 2000 ela teve que interromper seu funcionamento, sendo reestruturada em 2003 segundo a lei 10.097/2000 da CLT, permanecendo em funcionamento até os dias atuais.

Tem por finalidade o atendimento educacional ao adolescente, bem como sua formação profissional e pessoal posteriormente inseri-lo no mercado de trabalho educativo, respeitando sua condição peculiar de pessoa em desenvolvimento social, tendo como missão, preparar adolescente de 14 à 17 anos e 11 meses, através de cursos e palestras para inseri-los no mercado de trabalho.

A prática institucional requer constantemente re-elaboração e implantação de programas e projetos que proporcionem o desenvolvimento psicossocial e profissional dos adolescentes em todos os âmbitos da vida. A eficácia do atendimento baseia-se nos direitos fundamentais do “ser” humano: dignidade, respeito, igualdade e liberdade.

Durante os últimos tempos o Estado vem ampliando o reconhecimento da sociedade brasileira na luta pelos direitos da criança, do adolescente, do idoso, pessoas com necessidades especiais, através de programas, projetos e benefícios que minimizam o risco social e ou pessoal.

A Política Nacional de Assistência Social - PNAS busca incorporar os interesses e necessidade social da sociedade brasileira, particularmente as famílias e seus indivíduos excluídos da sociedade, de forma a tornar claras suas diretrizes na efetivação da assistência social como direito de cidadania, dever do Estado e direito do cidadão, enfrentando a discriminação cultural, econômica e política.

A assistência social realiza a prevenção, a proteção, promoção e inserção dos usuários na sociedade, de forma a reduzir ou prevenir exclusões, risco e vulnerabilidade social.

A fim de reduzir e ou prevenir a exclusão social a entidade realiza programas e projetos profissionalizantes de forma a facilitar a inserção do adolescente no mercado de trabalho.

Avaliando os pontos positivos, negativos, método de ensino, professores, material e recursos utilizados para o funcionamento do mesmo, de forma a estar melhorando a cada semestre.

Há um alto índice de participação e satisfação dos legionários nas palestras educativas que são oferecidas pela entidade, com o auxílio de palestrantes convidados.

São nas reuniões que os novos legionários (as) conhecem os demais colegas, onde recebem instruções e normas da entidade, as faltas e notas escolares, além de receber informações de temas instrutivos com pessoas que fazem parte da sociedade.

A instituição atua na área de assistência social ao adolescente aprendiz e sua família, sendo seu foco primordial o adolescente, a instituição se depara com uma demanda de 160 adolescentes inseridos no mercado de trabalho e mais de 700 adolescentes na lista de espera, e 150 adolescentes no projeto profissionalizante, denominado como Despertar, com o objetivo de: desenvolver programas de atendimento educacional aos adolescentes, para a complementação da renda familiar; Formação e capacitação pré-profissionalizante; Acompanhamento do desempenho escolar; Visitas domiciliares e nas empresas que os legionários trabalham, proporcionando assim uma melhor qualidade de vida aos usuários e outra demanda apresentada são as empresas contratantes que somam em média 100 colaboradoras.

Atualmente desenvolve um projeto de capacitação para o mercado de trabalho para 150 adolescentes, em parceria com a Prefeitura Municipal de Pederneiras (Departamento de Assistência e Desenvolvimento Social, Departamento de Educação e Cultura, Departamento de Esporte e Lazer, CRAS- Centro de Referência Assistência Social, do Bairro Cidade Nova, Escola de informática Microlins e a Faculdade G&P (Fundetec).

Os serviços oferecidos visam à qualidade de vida dos usuários sendo eles: curso profissionalizante de informática; Auxiliar administrativo; Matemática; Alimentação no horário do almoço; Identificação- camiseta; encaminhamentos psicológicos; Orientação de higiene e comportamento pessoal; Orientação para a retirada de documentos pessoais e palestras mensais.

A caracterização do Serviço Social na entidade é realizar a prevenção, a proteção, promoção e inserção dos adolescentes na sociedade, de forma a reduzir ou prevenir exclusões, risco e vulnerabilidade social, sendo que o Serviço Social na Instituição é o mediador entre a empresa e o legionário, a profissional negocia a contratação com a empresa,

seleciona os legionários, atua na inserção na entidade e acompanha o mesmo até o encerramento de seu aprendizado.

Sendo que o Assistente Social desenvolve sua criatividade para conseguir desmembrar a realidade em que seus usuários vivem, sendo um mundo globalizado, com tantas desigualdades sociais, onde é necessário ter uma visão de homem e mundo, para conseguir informar aos seus usuários seus direitos sociais, tendo como objetivo acessar a cidadania e amenizar essa desigualdade profunda.

Como elucida Iamamoto, (1998, p.20):

Um dos maiores desafios que o Assistente Social vive no presente, é desenvolver sua capacidade de decifrar a realidade e construir propostas de trabalho criativas e capazes de preservar e efetivar direitos a partir de demandas emergentes no cotidiano. Enfim, ser um profissional propositivo e não só executivo.

O significado do projeto ético político do serviço social frente ao processo de trabalho na Legião Mirim de Pederneiras, é colocar os direitos sociais como foco do trabalho profissional, desvendá-los e viabilizando sua efetivação social aos seus usuários, construindo uma cultura pública democrática em que a sociedade tenha um papel questionador, propositivo, através do qual se possa partilhar poder e dividir responsabilidades, assim, as ações desenvolvidas na instituição são pautadas no Projeto Ético Político Profissional, pois visam o pluralismo, a igualdade, a liberdade, a autonomia, são ações baseadas no Estatuto da Criança e do Adolescente Art. 17º e 18º que declara:

-O direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, idéias e crenças, dos espaços e objetos pessoais.

-É dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor. (Estatuto da Criança e do Adolescente – Lei 8069/90, p.10).

Conforme os artigos 17º e 18º citados, desenvolvem-se na instituição o dever de velar pela dignidade e pela efetivação dos direitos sociais dos adolescentes.

Através do sigilo profissional, do domínio dos instrumentos operativos, da leitura crítica das particularidades da questão social vivenciada pelos usuários, assegurando-lhes por lei ou por outro meios todas as oportunidades e facilidades cabíveis a instituição a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social em condições de

liberdade e dignidade para que assim possam ter êxito diante desse sistema capitalista imposto em nossa sociedade.

A Legião Mirim de Pederneiras desenvolve mensalmente, acompanhamento escolar junto aos adolescentes que estão trabalhando, sendo que é realizado através de visitas bimestrais às escolas municipais do município e mensalmente são passados nas reuniões de pais a frequência escolar e a quantidade de adolescentes com notas vermelhas, prevenindo a retenção e a evasão escolar.

É importante frisar que o artigo 6º da Constituição Federal, capítulo II dos direitos sociais assegura que “São direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição”.

Assim, o papel da instituição é extramente relevante diante do contexto social em que vivemos, o qual apresenta a maior parte das famílias vivendo a situação do desemprego, falta de educação, drogadição, de violência, de pobreza da exploração da mão-de-obra barata, evidenciando a falta de oportunidade de inserção no mercado formal de trabalho por parte dos adultos e de adolescentes, que se submetem a exploração, pois não encontram meios de adquirir uma renda digna para sobreviver, dentro desses contextos muitas vezes o próprio adolescente se insere no mercado informal, e até clandestino, para ajudar no orçamento familiar.

## **2.4 O trabalho do Assistente Social na intergeracionalidade**

O trabalho do Assistente Social, junto a essa população, é para melhor entender seus anseios, seus valores e, sobre tudo suas emoções, para orientá-los e mostrar que mesmo na adolescência e no envelhecimento é possível viver com qualidade de vida e que pode representar um caminho para uma sociedade “melhor”.

A educação para o envelhecimento pode ser uma alternativa para viver a velhice com dignidade, e a busca de um envelhecimento saudável e ativo pode ser uma solução.

O assistente social, é um profissional que evidencialmente é capacitado para atender as demandas apresentadas a instituição, seja ela pública ou outro órgão, mas também busca novos conhecimentos frente às demandas emergentes.

Iamamoto, (1999, p. 21), faz uma colocação à respeito do assistente social:

É um sujeito que tem competência para propor, para negociar com instituição os projetos, para defender o seu campo de trabalho, suas

qualificações e funções profissionais. Requer, pois ir além das rotinas institucionais e buscar apreender o movimento da realidade para detectar tendências e possibilidades nela presentes possíveis de serem impulsionadas pelo profissional.

Entretanto, é preciso um trabalho integrado para que os idosos vivam com mais dignidade e sejam respeitados como um bem precioso para suas famílias. Esse raciocínio se estende também à comunidade e à sociedade.

A abordagem à família deve levar em conta todos os aspectos mencionados. O trabalho do assistente social é na linha de orientação familiar. Aspecto a ser ressaltado é que todo trabalho com a família não pode ser de urgência. O ideal seria um trabalho com todos os membros da família em conjunto, mas este nem sempre é viável em instituições, optando-se pelo trabalho de orientação com o responsável, que geralmente é a mãe, mas buscando-se a participação dos outros elementos, conforme a necessidade.

Outro aspecto importante é a questão do reconhecimento do limite da atuação profissional.

Faleiros, (2001, p. 120), conceitua:

A particularidade da intervenção em Serviço Social está no movimento das relações sociais mais gerais do processo de reprodução dessas relações do capitalismo. Esse processo, no entanto, não é automático, mas imbricado em contradições e conflitos das forças sociais.

Quando a problemática extrapolar a capacidade de atuação do profissional, este deve ter consciência de seus limites e encaminhar para recursos especializados.

Como exemplos de atuação do assistente social no trabalho com adolescentes/famílias podemos citar:

- reflexão com a família, sobre as características da fase da adolescência e sobre o posicionamento dos membros da família, em especial os pais, frente ao processo adolescente;
- reflexão com os próprios adolescentes, sobre as dificuldades dos pais no enfrentamento do processo adolescente dos filhos, sobre o posicionamento da sociedade frente ao adolescente, sobre o relacionamento com os adultos em geral;
- reflexão sobre os aspectos da dinâmica interna da família;
- reflexão sobre o relacionamento familiar – estrutura social.

O Estatuto da Criança e do Adolescente, em seu Capítulo III, Seção I, artigo 19,

estabelece: "Toda criança ou adolescente tem direito a ser criado e educado no seio da sua família e, excepcionalmente em família substituta, assegurada à convivência familiar e comunitária..." De acordo com o E.C.A., a família é revestida de deveres e factível de ser punida. Ao mesmo tempo, todas as medidas de proteção reforçam o vínculo familiar como primeiro e fundamental no desenvolvimento da criança e do adolescente.

Segundo as sugestões de Gomes, (1999, p.43), no trabalho com famílias deve-se:

- procurar compreender a problemática apresentada e evitar julgamentos baseados em preconceitos científicos, moralistas ou pessoais. Só é possível dialogar com a família, em vistas de mudanças no seu modo de agir, se primeiro tentamos compreender o seu referencial, sem julgá-la,recriminá-la,simplesmente porque não partilha de nossos valores..,É óbvio que quando se trata de famílias com procedimentos que ameaçavam a vida e a integridade da criança e adolescente,como no caso de violência física e abuso sexual -a ação tem que ser imediata e radical.
- reconhecer que as escolhas de conduta estão no âmbito da própria família. O saber acumulado é útil na compreensão da problemática apresentada e no alargamento do campo das possibilidades de ação, mas é necessário se estabelecer um trabalho conjunto, com diálogo e participação.
- trocar informações, pois estas possibilitam a descoberta de significados comuns.

Embora o Estatuto do Idoso represente uma ferramenta importante na construção da cidadania, a intervenção ratifica a gritante separação entre os direitos formais e a dura realidade dos usuários.

O envelhecimento populacional, ao apresentar-se como fenômeno recente na história da humanidade, imprime um rol de desafios à agenda contemporânea, sobretudo, no que tange à efetivação do binômio: longevidade e qualidade de vida para os 75% da população idosa que, por encontrar-se em situação de pobreza, (MINAYO, 2005) demandam políticas públicas, as quais, na perspectiva neoliberal, vêm sofrendo cortes e desgastes, resultando na proposição de serviços precários, focalizados, sucateados, logo insuficientes para a promoção de direitos de cidadania para todos os segmentos etários.

Portanto, cabe ao Serviço Social trabalhar junto a estes idosos, para que haja interação destes com as relações sociais, e também para que sejam criados novos meios de relacionamentos e adaptações ao novo estilo de vida, fazendo com que meios de relacionamentos e adaptações ao novo estilo de vida, fazendo com que as perdas sejam minimizadas.

Disposto de um código de ética, o profissional deverá com discernimento desenvolver

sua prática respeitando a individualidade e os valores de cada família atendida, focando sempre os limites impostos.

Afirma-se que, no bojo das sociedades ocidentais capitalistas, a lógica da “hegemonia da involução orgânica” como menciona Beauvoir (1976) e da hipervalorização da estética e do consumismo, vem implicando em uma cultura de aversão ao envelhecimento e no distanciamento intergeracional, pois, aos olhos da ideologia capitalista, a condição de idoso implica em sinônimo de improdutividade e decadência.

Assim, o trabalho do Assistente social, é considerar que a família como sendo capaz de, com a devida orientação, encontrar saídas para seus próprios problemas, podendo oportunizar a troca de experiências e de entendimento entre as gerações, de modo a solidificar o papel de cada um no processo intergeracional, através do respeito, da solidariedade e da ética, em prol de uma relação de bem-estar físico, mental e social.

O Assistente Social para caracterizar o convívio familiar entre avós e netos deve conhecer a realidade da família, levando a problemática existente a fim de mapear os recursos existentes para enfrentar as dificuldades e prever a participação ativa das famílias nas estratégias para enfrentamento da problemática, elaborando também planos de ação, fazendo avaliações da eficiência e eficácia das intervenções e planos, articulando teoria e prática, conscientizando, contudo, a família usuária sobre seus direitos e deveres, revendo a legislação que rege estas famílias para a defesa de seus direitos humanos e sociais.

É necessário clareza de que a função do profissional de Serviço Social pressupõe o investimento na mediação profissional, por meio de recursos, instrumentos, técnicas e estratégias que lhe possibilitem operacionalizar os “fundamentos teóricos, técnicos, políticos e éticos” pertinentes a área de atuação, conhecendo e trabalhando, contudo, com a história de vida dos avós e netos usuários, resgatando suas formas de ser, pensar, se colocar e se relacionar no seio de suas famílias e com o mundo.

Segundo Kameyama, (1995, p.104):

O domínio dos instrumentos e técnicas que operacionalizam a ação é de fundamental importância. Entretanto é necessário levar em consideração que as técnicas não têm valor em si mesmo, elas se valorizam a partir das perspectivas que lhe dão feição.

Entretanto, verifica-se uma atuação do Serviço Social que articula as dimensões que envolvem as relações pessoais, sócio-culturais e políticas da realidade mais ampla na qual o adolescente e a família se inserem.

### **3 CAMINHOS DA PESQUISA**

#### **3.1 Metodologia da Pesquisa**

O estudo foi realizado na Legião Mirim de Pederneiras, instituição planejada para capacitar adolescentes de 14 à 17 anos e 11 meses, através de cursos e palestras para inseri-los no mercado de trabalho, tendo sido reestruturada em 2003, contando com o trabalho do Assistente Social, um administrador, um menor aprendiz, uma auxiliar administrativa, uma cozinheira um psicólogo e duas estagiária de Serviço Social.

Trata-se de uma instituição sem fins lucrativos. A mesma tem por finalidade o atendimento educacional ao adolescente, bem como sua formação profissional e pessoal para posteriormente inseri-lo no mercado de trabalho educativo, respeitando sua condição peculiar de pessoa em desenvolvimento.

Serão apresentados a seguir os processos empregados na investigação e demonstração da realidade pesquisada, utilizando-se dos procedimentos metodológicos e objetivando-se comprovar a hipótese dos procedimentos da pesquisa.

Serão apresentadas as várias facetas que permeiam as relações intergeracionais entre netos e avós. Apontando cientificamente: identificar o perfil dos avós e dos adolescentes da Legião Mirim de Pederneiras e desvendar o trabalho do assistente social nesse contexto.

Descreveu-se como hipótese que: as relações entre avós e netos, se dão através do relacionamento familiar, a troca de experiências entre gerações é a oportunidade de compartilhar sabedoria, crescimento pessoal e aquisição de novos conhecimentos. Mas, muitas vezes, acontecem conflitos familiares entre avós e netos, na maioria sendo pela diferença de idade, ocasionando assim, um ambiente de desrespeito e até a exclusão do idoso do convívio familiar.

Fez-se o fichamento de livros referentes ao tema em questão, para subsidiar a fundamentação teórica.

Tendo como objetivo geral de desvelar como ocorrem as relações entre os avós e os netos adolescentes da Legião Mirim de Pederneiras e as ações do Assistente Social neste cenário. Sendo os objetivos específicos de revelar o perfil dos avós e dos adolescentes da Legião Mirim de Pederneiras; constatar as contribuições dos avós no cotidiano dos netos e vice-versa; identificar a existência de conflitos familiares entre avós e netos; revelar junto

aos adolescentes as concepções sobre a velhice e verificar as ações do Serviço Social neste cenário.

A pesquisa utilizou para a coleta de dados a observação sistemática, a entrevista, e o questionário.

A metodologia utilizada para a realização deste estudo teve como principal característica o estudo exploratório com perguntas abertas e fechadas, configurando-se a pesquisa quali-.quantitativa.

Realizou-se o pré – teste para a verificação do instrumental de coleta de dados, sendo aplicado em 2 adolescentes e 2 avós, no mês de maio de 2008. Após a aplicação do pré-teste percebeu-se que não havia necessidade de alteração do instrumento de coleta de dados, pois estava de forma clara e objetiva, correspondendo aos objetivos presentes da pesquisa.

Caracterizada pelo tipo não probabilística intencional, sendo que os sujeitos foram escolhidos intencionalmente de acordo com os objetivos da pesquisa, realizada com os adolescentes e avós, sendo pesquisados 164 adolescentes de ambos os sexos, com amostragem de 19%, totalizando 31 adolescentes e com 20 avós, com amostragem de 50%, perfazendo 10 avós, atingindo um total de 41 sujeitos válidos

A coleta de dados foi realizada nos meses de julho e agosto de 2008, na sede do L.C.P. – “Lions Club de Pederneiras” e algumas na Legião Mirim de Pederneiras, realizadas aos domingos e tiveram duração média de 20 a 35 minutos.

Foram encontradas algumas dificuldades para a realização dos questionários, devido à incompatibilidade de horário da pesquisadora com os sujeitos válidos, bem como o receio da maioria em tratar de assunto referente ao relacionamento familiar.

Finalmente procedeu-se a análise interpretativa dos dados coletados, correlacionando-os com a teoria pesquisada e com os objetivos propostos.

### **3. 2 Apresentação e discussão dos resultados**

Para melhor conhecer e analisar os dados coletados, estes foram subdivididos em três eixos de análise a saber: o perfil dos avós e dos adolescentes da Legião mirim de Pederneiras; as relações familiares entre os avós e os netos adolescentes e o Serviço Social na Legião Mirim de Pederneiras.

#### **3.2.1 Perfil dos avós**

Iniciou-se a análise pelo perfil dos avós, abordando o sexo dos sujeitos, idade, estado civil, escolaridade, beneficiário, renda mensal do idoso, se mora com os filhos e se é arrimo da família, por entender estes aspectos relevantes na construção do perfil dos avós.

| <b>Sexo</b>             | <b>Idade</b>                  | <b>Estado Civil</b>   | <b>Escolaridade</b>              | <b>Beneficiário</b>                       | <b>Renda Mensal</b>      | <b>Mora com os Filhos</b> |
|-------------------------|-------------------------------|-----------------------|----------------------------------|-------------------------------------------|--------------------------|---------------------------|
| Masculino<br>4 sujeitos | 63 à 70 anos<br>6 sujeitos    | Casados<br>7 sujeitos | 1º Grau incompleto<br>6 sujeitos | Aposentados<br>4 sujeitos                 | 1 à 2 S.M.<br>5 sujeitos | Não<br>7 sujeitos         |
| Feminino<br>6 sujeitos  | Mais de 71 anos<br>4 sujeitos | Viúvo<br>3 sujeitos   | Alfabetizado<br>4 sujeitos       | Não aposentado<br>6 sujeitos<br>Total= 10 | 3 à 5 S.M.<br>5 sujeitos | Sim<br>3 sujeitos         |

Quadro 1: Caracterização dos avós dos adolescentes

No universo pesquisado aferiu-se que 6 sujeitos são do sexo feminino e 4 sujeitos são do sexo masculino.

Quanto à idade dos sujeitos, constatou-se que todos têm idade superior a 60 anos, que prevalece a idade entre 63 anos a 70 anos, totalizando 6 sujeitos, vindo em seguida 4 sujeitos que possuem mais de 71 anos, de acordo com o quadro 1.

Quanto ao estado civil dos sujeitos, pode-se averiguar que grande parte é casado, ou seja, 7 sujeitos e apenas 3 sujeitos são viúvos e não possuem companheiro.

Quanto ao grau de instrução pode-se levantar que, 6 sujeitos possuem primeiro grau incompleto e 4 sujeitos são apenas alfabetizados. Pode-se observar que todos os idosos não tiveram oportunidades de terem acesso ao término dos estudos, conseqüentemente tiveram uma vida de luta e muito trabalho.

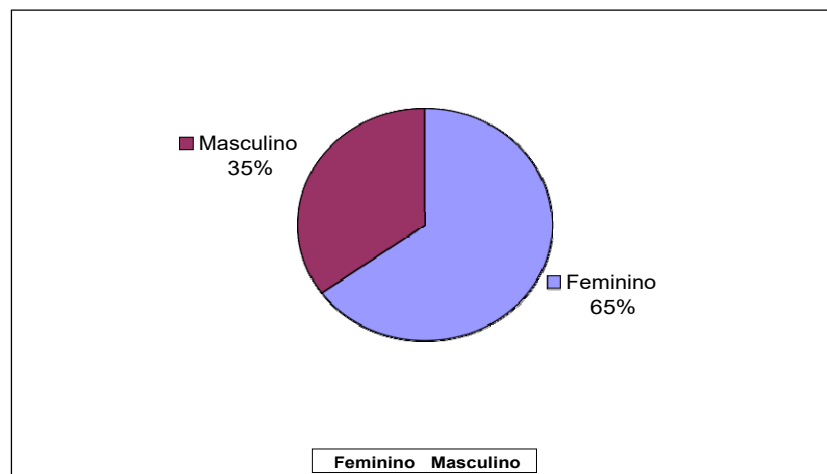
Os dados obtidos demonstram que 6 sujeitos não são aposentados e apenas 4 sujeitos são aposentados.

Quanto à renda dos idosos, observou-se que 5 sujeitos recebem entre 1 a 2 salários mínimos e chamando a atenção para a renda maior que é de 3 a 5 salários mínimos, com apenas 5 sujeitos.

Na distribuição dos sujeitos com relação aos familiares com os quais residem, pode-se constatar 7 sujeitos, ou seja, mais da metade mora sozinho ou com cônjuges e apenas 3 sujeitos moram com os filhos e conseguem ter uma relação mais próxima com seus netos.

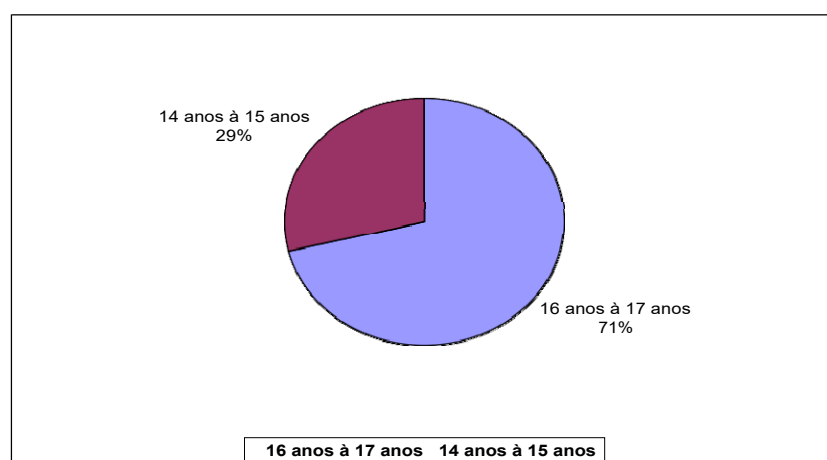
### 3.2.2 Perfil dos Adolescentes

Para uma maior satisfação dos resultados, apresenta-se a seguir o perfil dos adolescentes e análise dos resultados, procurando identificar o sexo dos adolescentes, a faixa etária, escolaridade, com quem moram e carga horária de trabalho dos aprendizes adolescentes.



**Figura 1:** Caracterização dos adolescentes da Legião Mirim de Pederneiras com relação ao gênero.

Verificou-se na figura 1 que a caracterização dos adolescentes com relação ao gênero, o sexo feminino predominou com 65%, sendo que apenas 35% são do sexo masculino.

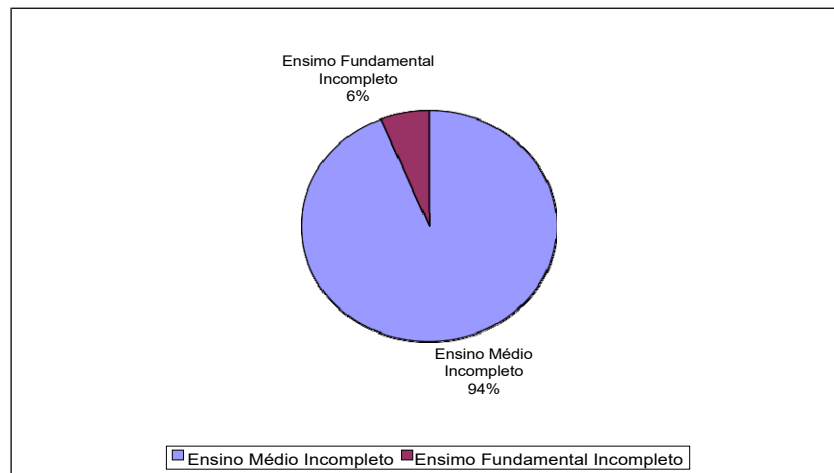


**Figura 2:** Caracterização dos adolescentes da Legião Mirim de Pederneiras com relação à faixa etária.

Dentre os adolescentes pesquisados constatou-se que 71% possuem a faixa etária entre 16 a 17 anos, sendo que 29% possuem a idade de 14 a 15 anos, como mostra a figura 2.

Zagury, (1996) enfatiza o fato da adolescência se caracterizar por uma fase de transição, uma etapa importante do desenvolvimento, cujas características intrínsecas levarão a criança a tornar-se um adulto com capacidade de reproduzir.

Revelou-se que esses adolescentes procuram o mercado de trabalho muito cedo e que enfrentam muitas dificuldades, porque muitas vezes não possuem qualificação profissional, sendo considerável o contingente da população vivendo em condições de pobreza.



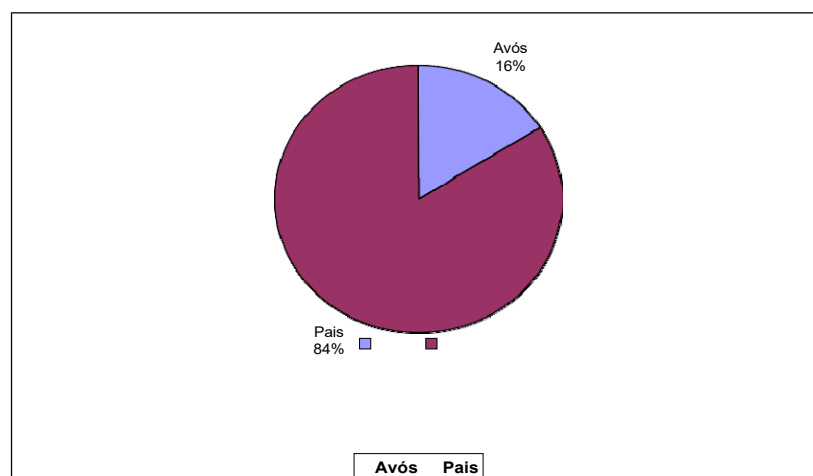
**Figura 3:** Caracterização dos adolescentes da Legião Mirim de Pederneiras, com relação à Escolaridade.

A figura 3 mostra o grau de escolaridade destes adolescentes, 94% estão no ensino médio incompleto, sendo que 6% estão no ensino fundamental incompleto.

Atualmente, um dos maiores empecilhos no mundo do trabalho é a questão educacional, já que é fundamental uma escolaridade qualitativa, que tenha como propósito maior a formação da cidadania.

Alves, (1997, p. 25) destaca que:

... em especial as novas exigências estão concentradas num maior grau de escolaridade, na medida em que este atributo confere ao trabalhador maior capacidade de reciclar seus conhecimentos e, com isso manter seu emprego ou estar apto para disputar com maiores chances novas oportunidades de trabalho.



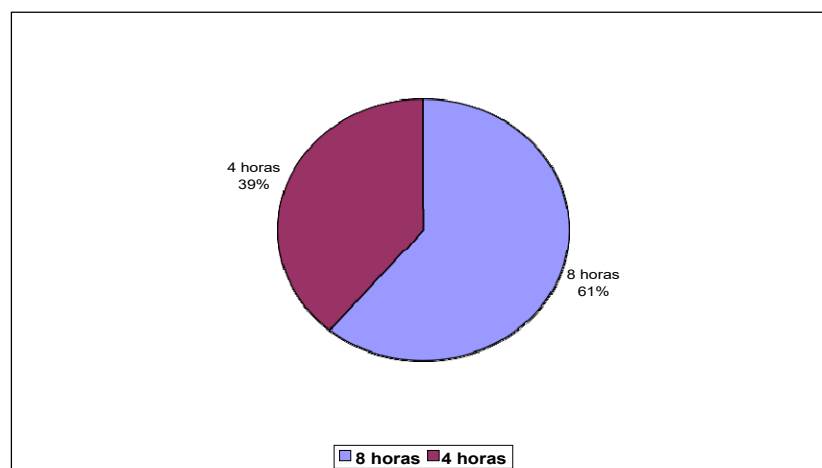
**Figura 4:** Caracterização dos adolescentes da Legião Mirim de Pederneiras, com relação à família.

Verificou-se na figura 4 que dos adolescentes entrevistados, 84% moram com os pais, sendo que 16% moram com os avós.

Diante destes resultados pode-se avaliar que o tipo de família mudou nos últimos anos. Podendo-se constatar que vários arranjos familiares passaram a surgir como: família monoparental, família homossexual, família ampliada entre outras, advindas dessa nova fase do século XXI, a fase capitalista, na qual alguns laços de família foram rompidos ou modificados.

Neste sentido aponta Filho, (2001, p. 83):

Não podemos enxergar só “desestruturação” na família, mas verificar os porquês da transformação sob uma visão de transição de novos valores na sua dinâmica de desenvolvimento frente a novos problemas que enfrentam. O papel da família, hoje, referente aos cuidados de seus membros, ganha grande importância pelo Estado, no sentido de promove-la como grande responsável pelo cuidado às crianças, jovens e idosos.



**Figura 5:** Caracterização dos adolescentes da Legião Mirim de Pederneiras, com relação à carga horária de trabalho aprendiz.

A respeito da carga horária de trabalho dos adolescentes aprendiz, a figura 5 demonstra que 61% dos adolescentes têm a carga horária de trabalho aprendiz de 8 horas por dia e 39% dos adolescentes entrevistados tem a carga horária de trabalho aprendiz de 4 horas por dia.

Segundo Pereira, (1994, p.47):

As tendências observadas sobre o trabalho do adolescente podem ser resumidas nos seguintes pontos”:

Atuam na economia formal, mas, sobretudo na informal e clandestino em atividades produtivas com resultados econômicos visíveis, mas pouco quantificáveis.

São colocados em atividades mecânicas, repetitivas, caracterizadas pela imobilidade.

Não há na maioria das inserções, mobilidade ou ascensão ocupacional. Em outras palavras, o adolescente vive sua adolescência no mundo do trabalho, não retirando dele nem mesmo um aprendizado que lhe permita ascensão. Atua somente em atividades cujo terminal será o mesmo do início do trabalho.

Observou-se que os adolescentes que estão inseridos no mercado de trabalho formal, atuam de forma decisiva.

Figueiredo, (2000), ainda nessa perspectiva, reforça que hoje o trabalho apresenta-se em constantes transformações, destacando que:

...temos que nos manter em constante alerta sobre as novidades impetradas no mercado de trabalho e estar sempre nos aperfeiçoando para atendê-las. (p.17).

A era da informação rompe com todos os paradigmas impostos pela era indústria e exige que as pessoas sejam empreendedoras, sejam livres e corajosas para enfrentar o desconhecido. (p.23).

Assim, com os avanços tecnológicos, a sociedade está se revolucionando, resultando numa alteração do perfil do trabalhador. Se as pessoas não se adequarem às novas exigências do mercado de trabalho, acabam sendo excluídos, mas muitas vezes os trabalhadores não se adaptam às necessidades do mercado, existem vagas porém existem pessoas qualificadas o suficiente para atender a demanda.

Atualmente quem não possui um pouco de conhecimento em informática, está se tornando um analfabeto, prejudicando a sua colocação no mercado de trabalho. Cabe ressaltar que dentre os adolescentes pesquisados a maioria tem curso profissionalizante, e os que não têm justificam que falta tempo para fazer algum curso e também por falta de condições econômicas para pagar o curso num horário compatível com a escola e trabalho.

### 3.2.3 As relações familiares entre os avós e os netos adolescentes

A família é um conjunto de pessoas unidas por laços de parentesco, que juntas satisfazem necessidades físicas e emocionais. A família é ainda uma instituição social, pois nela origina-se o processo de socialização, o desenvolvimento da personalidade e as relações são mais intensas e qualificadas. É na socialização que os jovens recebem dos adultos a motivação e as condições para assumirem seus papéis sociais, assim, foi perguntado aos netos adolescentes sobre o que significa velhice e pode-se verificar nos relatos que:

*Velhice é algo bom e ruim, pois ao mesmo tempo em que você adquiriu experiência, por outro lado é ruim, pois a pessoa velha acaba ficando sem movimentos e agilidades para fazer algo que necessite do esforço físico.*  
(Sujeito 10, Masculino, 17 anos).

*Uma fase da vida em que todos passam, e devemos nos cuidar, para conseguirmos sobreviver e chegar à velhice, com experiência e garra por ter conseguido chegar a essa etapa da vida.*  
(Sujeito 13, Feminino, 15 anos).

*Idade avançada, experiência de vida, onde se passa informações e exemplos para os mais novos, mas, nessa fase da vida deve ter uma atenção maior com a saúde, pois as doenças se acumulam.*  
(Sujeito 23, Masculino, 14 anos).

*É uma fase da vida onde a força física é menor e o conhecimento é sem limites e não é apenas ter idade avançada e sim cada vez mais sabedoria experiência de vida.*  
(Sujeito 31, Masculino, 16 anos).

Diante das falas dos sujeitos verifica-se que a velhice é a fonte da sabedoria e experiência, Debert, (2004) lembra que a velhice são as experiências vividas e os saberes acumulados, são ganhos que oferecem oportunidades de resgatar velhos projetos abandonados, realizar novos e estabelecer relações profícuas com pessoas jovens, maduras e idosas.

A velhice não está separada do resto da vida que a precede: é a continuação de nossa adolescência, juventude, maturidade. (BOBBIO, 1997, p. 29).

A vida sem a experiência adquirida nesses anos, provoca no indivíduo uma sensação de perda de sentido e de identidade, levando-o a uma exclusão social. Assim os netos adolescentes na maioria reconhecem a importância da sabedoria e experiência de uma pessoa idosa.

Porém, independente da estrutura, que está organizada a família, há necessidade de se conviver com os idosos, ter algum vínculo afetivo, pois ao questionar se há dificuldade de se conviver com os avós, detectou-se que os netos gostam de conviver com seus avós, ao verificar as falas:

*É fácil conviver com meus avós, pois eles sempre apoiaram a nossa família e sempre esta perto nos ajudando.*  
(Sujeito 7, Masculino, 16 anos)

*É fácil viver com meus avós, pois as informações que me passam, auxiliam nas difíceis tarefas da vida, cujo principal é a educação com o próximo.* (Sujeito 10, Masculino, 15 anos)

*Adoro conviver com meus avós, saber sobre a sua vida, quando era jovem e poder compartilhar comigo suas experiências.*  
(Sujeito 14, Feminino, 17 anos)

*É complicado conviver com os meus avós, pois eles reclamam que o mundo de hoje está complicado, com muita violência, e muitas vezes eles acabam me proibindo de fazer algumas coisas, pois tem medo.*  
(Sujeito 17, Masculino, 14 anos)

Percebe-se que existem diferenças de opiniões, mas no geral existe uma boa convivência com os avós , e constatou-se que alguns sujeitos têm dificuldade de aceitar certas posturas colocadas pelos idosos.

Conforme Bobbio, (1997, p.29):

A velhice reflete nossa visão da vida e modifica nossa atitude em relação a ela, segundo a maneira pela qual concebemos a vida, como uma inacessível montanha que temos de escalar, ou como um rio onde estamos imersos e que corre lento para a foz, ou como uma selva na qual vagamos sempre incertos sobre o caminho a seguir para chegar a uma clareira.

A realidade revela que os adolescentes, mesmo não morando com seus avós, acabam

tendo uma boa comunicação e entendimento, mas em algumas ocasiões ocorrem desentendimentos dos netos adolescentes com seus avós, como se verifica pelas falas:

*Estou sempre brigando, pois ela fica criticando todos os finais de semana.... Como sou jovem tenho que aproveitar a minha época, mas ela deveria me apoiar dar conselhos, e não criticar, e deixar revoltado. Saio de casa muito estressada, por causa da atitude dela.*

*(Sujeito 2, Masculino, 15 anos)*

*Já discutimos, porque uma vez sumiu uma chave de fenda dele, nossa daí ficava me atazanando dizendo que estava comigo, que eu tinha escondido, aquilo me deixou muito bravo, estava acusando um inocente, o que iria fazer com aquela chave...*

*(Sujeito 4, Masculino, 14 anos)*

*Sim, estávamos conversando sobre balada, e acabamos discutindo e depois brigando, pois sai de casa às 10 horas e na época dele era hora de estar chegando em casa.*

*(Sujeito 30, Masculino, 16 anos)*

*Sim, sempre quero sair e ele não deixa, pois diz que aonde vou não é lugar de menina de família ir, nossa fico revoltada, ir em baile para ele é o fim. (Sujeito 31, Masculino, 17 anos)*

Observa-se que a nova geração vem desempenhando uma realidade completamente diferente de antigamente, e muitas vezes causando brigas e discussões com seus avós, mas percebe-se que são brigas por pequenos desentendimentos e são passageiras.

Todo relacionamento interpessoal envolve uma co-educação segundo Ferrigno, (2003, p.177):

*(...) no cotidiano das relações interpessoais de todas as pessoas há sempre presente a oportunidade de uma co-educação .... a transmissão de ensinamentos a partir disso, fica mais imediatamente clara quando se fala de uma contribuição das gerações mais velhas para as mais novas. Desenvolvemos oportunidades de co-educação em todos os momentos de nossa vida, ela ocorre não somente na relação de velhos para com novos, mas também de geração entre a mesma geração.*

Os relatos portanto, descrevem o quanto a relação entre os avós e netos e pais são

importantes, pois a troca de experiências entre gerações é a oportunidade de compartilhar sabedoria, crescimento pessoal e aquisição de novos conhecimentos, assim pode-se verificar um bom entendimento entre os idosos e suas famílias, como se verifica pelas falas:

*Sim, eles se dão muito bem, procuram visitá-los sempre, telefonam para saber como estão, se comunicam bastante e participam sempre juntos de atividades exercidas nos finais de semana em casa.*  
(Sujeito 4, masculino, 15 anos)

*O relacionamento com meu avô quando era vivo, era com muito amor, ele morava conosco sabe, não era muito de dar opiniões, mas se alguém viesse pedir, ele falava o que era melhor para o ponto de vista dele, e deixava sempre claro, que deveria fazer o que o coração pensa, para mas tarde não se arrepender.*  
(Sujeito 09, feminino, 16 anos)

*Tem um ótimo entendimento, um relacionamento que não se vê muito por esses dias de hoje.*  
(Sujeito 16, masculino, 15 anos)

*Sim, minha mãe ajuda muito meu avô, minha avó morreu e ele ficou sozinho, sem saber o que fazer, porque ate então minha avó que fazia tudo, minha mãe vai todo final de semana de semana na casa dele, sempre leva comida, lava a roupa, arruma a casa pra ele, o entendimento é muito bom.*  
(Sujeito 22, masculino, 17 anos)

Assim, pode-se observar que a velhice nem sempre atrapalha na convivência familiar e muitas vezes acaba ajudando a família.

Mas, é importante atentar para a seguinte advertência: “A simples coexistência não garante a co-educação” (FERRIGNO, 2003, p.131)

Ou seja, é preciso existir vínculos afetivos neste relacionamento. Assim, haverá um processo co-educativo adequado. A transmissão de costumes, valores, se dão na repetição de atos e atitudes. A família se renova através de várias gerações. O importante dessa transmissão de bens simbólicos é que os netos se tornam um meio pelo qual ocorre a “preservação dos valores familiares”.

Segundo Ferrigno, (2003, p.151), “existem algumas palavras que possuem suma importância no que diz respeito à interação social das gerações como: diálogo, igualitarismo, autoridade, autoritarismo”. Porque as gerações são constantemente organizadas, desorganizadas e reorganizadas, essas diversas maneiras entre as gerações obrigam

mudanças de comportamento.

Conforme Vieira, (1996, p.66):

O fato de envelhecer não significa um final, pelo contrário é um começo, muitas pessoas idosas estão mais comprometidas com responsabilidades tais como educação de crianças, é um tempo de viver sua vida conforme a própria satisfação.

Guerreiro e Rodrigues, (2002, p.36) alertam que o desempenho cognitivo dos idosos varia devido a fatores pessoais (nível escolar e intelectual, motivação, conhecimentos prévios sobre o assunto, personalidade, saúde etc.) mas também devido às características do material a ser abordado (riqueza, organização, estrutura etc.) e das condições em que o idoso realizará a tarefa (velocidade e modo de apresentação, ambiente físico etc.).

Entretanto pode-se perceber que os avós contribuíram e contribuem na vida de seus netos conforme verifica-se pelas falas:

*Meus avós foram fundamentais no apoio e nos cuidados que me deram quando era criança, pois meus pais eram ausentes na minha infância e ela zelava pela minha educação e bem estar.  
(Sujeito 3, Feminino, 16 anos)*

*Eles me ensinaram que sem sacrifícios não teremos grandes vitórias. Meus avós sempre contribuíram com amor, carinho e tenta me ensinar o que sabe sobre a vida.  
(Sujeito 6, Masculino, 15 anos)*

*Morei durante um ano com a minha avó, pois meus pais trabalhavam muito na época, levavam na biblioteca em seus horários ociosos, onde aprendi muita coisa e guardo como uma contribuição deles, em minha vida.  
(Sujeito 19, Feminino, 15 anos)*

*Meus avós sempre estão me ajudando, quando preciso estão lá, pagaram um curso de informática para mim, pois falam da importância de saber mexer com as novas tecnologias.  
(Sujeito 25, Masculino, 16 anos)*

Como pode-se observar os avós dos adolescentes tem um papel muito importante na vida deles, pois muitas vezes contribuem financeiramente, sabedoria, lição de vida, dentre outros.

Ferrigno, (2003, p.26), analisa as trocas de afeto e de conhecimentos específicos que uma geração repassa à outra. Reafirma a importância da transmissão da memória cultural que os velhos transmitem aos jovens, mas também modelos de como reagir ao processo de envelhecimento e à proximidade da morte.

Os jovens, por sua vez, são importantes para os idosos, pois o convívio desenvolve nestes uma maior flexibilidade em relação a novos valores e comportamentos, além de lhes possibilitar um maior acesso às novas tecnologias.

Observa-se que muitos idosos, além da educação digital têm aprendido dos jovens inúmeros conhecimentos sobre novas tecnologias e, assim, descoberto um mundo novo e cheio de agradáveis surpresas. Na convivência com pessoas mais novas, os velhos tendem a compreender melhor os comportamentos da vida moderna, tornando-se mais tolerantes frente a assuntos polêmicos, como aqueles que envolvem a sexualidade, por exemplo, integração de gerações possibilita aos jovens uma educação para o envelhecimento e, aos idosos, acesso às novas tecnologias

Pode-se verificar que os avós em sua maioria são tratados pelos netos com muito respeito, mesmo tendo uma diferença de idade muito grande, conforme pode- se constatar nas falas do avós:

*Todos me tratam muito bem, tenho 15 netos e 4 bisnetos e eles têm muito respeito por mim, gostam de ficar comigo.*  
(Sujeito 1, Masculino, 74 anos)

*Sou tratado com muito carinho respeito pelos meus netos, somos uma família unida, estamos sempre juntos para o que der e vier, isso se chama Família.*  
(Sujeito 4, Masculino, 76 anos)

*Pouco nos vemos, mas sou tratado bem, não somos muito de comunicar, pois ele é um adolescente, tem manias, gosto completamente diferente, mas nos damos muito, as poucas vezes que nos vemos.*  
(Sujeito 5, Masculino, 75 anos)

*Mesmo estando um pouco velho demais, meus netos me tratam muito bem, sempre nos vemos, não tem vergonha de mim perto de seus amigos, e tenho o maior orgulho, deles me chamarem de vô.*  
(Sujeito 7, Masculino, 72 anos)

Segundo Rowe e Kahn, (1999, p.39), após definirem a expressão envelhecimento

bem-sucedido como um processo em que encontramos “vários fatores que permitem aos indivíduos continuar a funcionar efetivamente, tanto física quanto mentalmente”, estabelecem seus três comportamentos principais: engajar-se na vida, evitar doenças e manter em alto padrão as funções física e cognitiva. Abordando cada etapa desses comportamentos, os autores chamam a atenção para a importância do ato de aprender para as funções mentais.

Afirmam, ainda, que é possível os idosos se interessarem e terem sucesso no contato com novos conhecimentos, quebrando o mito de que a aprendizagem na velhice é impossível.

A participação dos avós nas decisões dos netos, é em geral muito grande, e apenas alguns adolescentes não consultam seus avós, como percebe-se nas falas dos avós:

*Sim estou sempre próximo a ele, ajudando e aconselhando, pois minha filha trabalha fora da cidade.  
(Sujeito 3, feminino, 65 anos)*

*Sim, sempre sou consultada, minha neta é muito próxima a mim, sempre tento ajudar ela, para não fazer coisas que ela se arrependa um dia. (Sujeito 4, masculino, 70anos)*

*Sim, meu neto é próximo de mim, quando tem que tomar alguma decisão, ele vem pedir o meu conselho. E estou sempre aberto, para quando ele precisar de minha ajuda.  
(Sujeito 6, masculino, 67anos)*

*As decisões são tomadas por ele, mas quando precisa de alguma ajuda, eu tento orientar com os meus conselhos e mostrar qual é o melhor caminho a perseguir.  
(Sujeito 8, masculino, 72 anos)*

Pode-se constatar a importância do idoso na vida dos netos e a satisfação de participar da vida deles, ajudando nas decisões que serão tomadas e que podem refletir o resto da vida.

Segundo Coutrim, (2004, p. 23):

Os netos ocupam um lugar importante nos discursos dos avós que têm contato intenso com estes, e o desejo maior dos mais velhos é fazer pelos pequenos, o que não puderam fazer pelos seus filhos, enquanto eram crianças.

Diante das falas dos sujeitos pode-se afirmar que muitas vezes a convivência dos idosos com seus filhos e netos, vai depender muito da relação que tem um com o outro, assim o idoso na maioria sempre é convidado pela sua família para o lazer, conforme as falas:

*Sáímos sempre, vamos em lanchonetes, pastelarias e no final de ano para a paria, é muito bom compartilhar momentos bons com a sua família. (Sujeito 1, masculino, 70 anos)*

*Raramente, apenas vou à missa com a minha filha, mas ser convidada para sair de maneira alguma, ela até convidou, mas agora não convida mais. Creio que a idade atrapalhe um pouco. (Sujeito 4, feminina, 72 anos)*

*Bem, como comentei minha filha trabalha fora da cidade, as vezes ela fica no serviço dela a semana inteira, mas é raramente, mas quando dá, saímos nos três, para dar uma volta, comer alguma coisinha, é uma família muito bonita. (Sujeito 5, masculino, 66 anos)*

*Não gosto de sair de casa, minha filha até convida para sairmos, mais gosto mesmo, é de receber toda a minha família aos finais de semana em casa. (Sujeito 6, masculino, 72 anos)*

Verifica-se que há a prevalência de idosos que saem com suas famílias para um lazer ou mesmo se divertir, outros não gostam, preferem ficar em casa, ao invés de sair, sua diversão muitas vezes é receber a família em casa.

Assim, pode-se colocar que a relação familiar é essencial para uma boa comunicação, por sua vez, Bourdieu, (1983), apresenta outro parâmetro de análise dos conflitos familiares, especificamente os conflitos geracionais.

Segundo o autor, as oposições de idéias surgem das aspirações dos diferentes grupos etários, pois o que para uma geração é muito importante, para as seguintes já não é mais. Os conflitos ocorrem, portanto, porque os bens que exigiram sacrifícios e aspirações por muitos anos de uma determinada geração (ou coorte) para serem conquistados, estão banalizados e assim possuem pouco valor para as gerações mais novas.

Os avós colocam que costumam contar histórias para seus netos, pois acabam passando sabedoria e informações muito importante para sua vida, como pode-se verificar

nos relatos dos avós:

*Procuro ensinar com minhas histórias, para ele se tornar uma pessoa honesta.*

*(Sujeito 2, Masculino, 74 anos)*

*Sempre que posso, pois é muito importante, passamos por muitas coisas na vida que pode servir de lição para nossos netos.*

*(Sujeito 7, Masculino, 65 anos)*

*Sim, procuro ensinar porque tenho a certeza que com boas influências como eu, ele vai ser um grande cidadão no futuro. Sempre conto as minhas histórias, não deve ter coisa melhor do que a real história de uma pessoa com 63 anos de idade. O que não falta é história.*

*(Sujeito 8, feminino, 64 anos)*

*Gosto de contar sobre minha infância, de como eram as coisas antes de vir para Pederneiras. Pois nasci em Jaú, mas minha infância, adolescência foi no sítio, onde meus pais trabalhavam e eram caseiros.*

*(Sujeito 9, Masculino, 77 anos)*

Os avós se preocupam em passar para seus netos lições morais extraídas, em grande parte dos casos, de suas próprias histórias de vida. O que Oliveira, (1993) chamou de *conhecimentos* dos mais velhos transmitidos aos tais jovens o que Vitale, (2000) denominou de *legados*.

De acordo com esta autora, os legados que as gerações mais velhas se esforçam para transmitir aos mais jovens podem ser classificados em *legados de ordem*, que se referem à responsabilidade, organização e educação; *legados de solidariedade*, que dizem respeito aos sentimentos como amor, amizade, senso de justiça, colaboração e respeito; e os *legados da fé*, que são relativos à fé e à religiosidade.

Tais ensinamentos são orientadores de condutas que nem sempre encontram receptividade por parte dos mais jovens.

Os avós colocam, que o ingresso dos netos na Legião Mirim de Pederneiras motivou algumas mudanças na vida dos adolescentes, como se pode verificar nos relatos dos avós:

*Está mais comprometido, pensei que ele iria dar trabalho, pois a Legião Mirim de Pederneiras tem algumas regras, mas ele conseguiu me surpreender, esta fazendo tudo direitinho.*

*(Sujeito 4, Masculino, 79 anos)*

*Com certeza, ele mudou muito, ficou responsável, tem algumas regras para serem cumpridas, como reuniões, uniforme, horários dentre outros, ficou muito mais ligado ao mundo.*

*(Sujeito 9, Feminino, 77 anos)*

*Com certeza, ele agradece muito por hoje estar na Legião Mirim de Pederneiras, pois sabe como esta difícil o mercado de trabalho, está aproveitando tudo que pode.*

*(Sujeito 7, Masculino, 68 anos)*

*Meu neto sempre foi um adolescente muito rebelde, é complicado, pois a Legião Mirim de Pederneiras tem regras, Mas já melhorou com a admissão na mesma.*

*(Sujeito 6, Feminino, 66 anos)*

Verifica-se que o trabalho dos adolescentes depois que se inserem na Legião Mirim de Pederneiras acaba sendo positivo, pois com a inserção no mercado de trabalho, precisam ter regras para serem cumpridas, como horários, uniforme, respeito, educação dentre outras, sendo um ponto positivo para a formação profissional desses adolescentes

Os relatos portanto descrevem sobre a relação dos avós com os netos, e só é possível ter uma relação saudável entre as gerações, quando houver respeito entre as mesmas, com adaptações favoráveis a cada etapa do curso de vida considerando as características individuais e o contexto cultural e sócio - histórico existente no grupo social.

É evidente que em muitas famílias as interações entre as gerações não são totalmente positivas. Dentro de um grupo social e em qualquer época, as semelhanças e diferenças vão sempre existir, o processo de mudanças de valores sociais será constante por que estamos nos relacionando socialmente o tempo todo, e estas mudanças serão construídas pelos próprios atores dessa relação (idosos, jovens, adultos e crianças).

A vida em família implica coexistência de valores, normas e comportamentos singulares. Portanto, esses são desafios a serem enfrentados.

Assim é necessário educar com o objetivo de estimular gerações para a abertura de novas experiências, para novas maneiras de ser, para novas idéias e para a manutenção da autonomia, ou seja, na capacidade de fazer escolhas voltadas para o bem-estar físico, social e psicológico.

O Assistente Social é um profissional que evidencialmente é capacitado para atender as demandas apresentadas na instituição, seja ela pública, privada ou outro órgão, mas também busca novos conhecimentos frente às demandas emergentes.

Entretanto, as ações desenvolvidas com os adolescentes na Legião Mirim de Pederneiras pela Assistente Social são :

*As ações individuais através de visitas domiciliares, entrevistas e encaminhamentos.*

*As ações coletivas através de palestras educativas, dinâmicas e reuniões. As ações administrativas são o estudo sócio - econômico, documentação, acompanhamento a frequência do projeto Despertar. (Assistente Social da Legião Mirim de Pederneiras)*

Os serviços oferecidos pela Instituição visam à qualidade de vida dos usuários sendo eles: curso profissionalizante de informática; Auxiliar administrativo; Matemática; Alimentação no horário do almoço; Identificação- camiseta; encaminhamentos psicológicos e médicos; Orientação de higiene e comportamento pessoal; Orientação para a retirada de documentos pessoais e palestras mensais.

O contato com a família dos adolescentes com a Assistente Social da Legião Mirim de Pederneiras acontece quando:

*Através do cadastro da entidade, onde relatam a condição sócio-econômica e seus cotidianos junto ao adolescente.*

*Nas reuniões de pais ou responsável, há o contato com a família dos legionários, onde são passados toda a parte administrativa da entidade e realizada ações sociais e psicológicas junto aos mesmos, através de visitas domiciliares e quando a família procura a entidade, para estar relatando as dificuldades encontradas com os adolescentes legionários.*

*(Assistente Social da Legião Mirim de Pederneiras)*

Como pode-se observar a Assistente Social consegue ter um maior contato com os responsáveis dos adolescentes através do cadastro quando os adolescentes entram na Legião Mirim de Pederneiras, e pelas reuniões que são realizadas a cada 2 meses, assim conseguindo ter um maior contato com os pais dos adolescentes.

Iamamoto, (1999, p.21), faz uma colocação à respeito do assistente social:

É um sujeito profissional que tem competência para propor, para negociar com a instituição os projetos, para defender o seu campo de trabalho, suas qualificações e funções profissionais. Requer, pois ir além das rotinas institucionais e buscar apreender o movimento da realidade para detectar tendências e possibilidades nela presentes possíveis de serem impulsionadas pelo profissional.

Assim, a Assistente social encontra algumas dificuldades e facilidades com os adolescentes da Legião Mirim de Pederneiras como:

*Uma facilidade encontrada na Legião Mirim de Pederneiras, é a disciplina dos adolescentes para com a entidade e com as empresas colaboradores que exercem o trabalho sócio educativo.*  
(Assistente Social da Legião Mirim de Pederneiras)

*Uma dificuldade é a falta de conscientização da família na importância da realização de cursos como rotinas administrativas, reforço escolar, informática, lazer e acompanhamento psico – social realizado no projeto Despertar, desenvolvido pela Legião Mirim de Pederneiras.*  
(Assistente Social da Legião Mirim de Pederneiras)

Pode-se constatar que a Assistente Social tem algumas dificuldades e facilidades com os adolescentes e a família, mas isso é um desafio posto, que tenta aos poucos minimizar essas dificuldades, tornando-se em uma facilidade, através de proposições, informações dentre outras, e, principalmente, o trabalho com essas famílias, para que estejam presentes na vida dos netos adolescentes.

A caracterização do Serviço Social na entidade é realizar a prevenção, a proteção, promoção e inserção dos adolescentes na sociedade, de forma a reduzir ou prevenir exclusões, risco e vulnerabilidade social, sendo que o Serviço Social na Instituição é o mediador entre a empresa e o legionário. A profissional negocia a contratação com a empresa, seleciona os legionários, atua na inserção na entidade e acompanha o mesmo até o encerramento de seu aprendizado.

Assim, nota-se que a Assistente Social desenvolve sua criatividade para conseguir desmembrar a realidade na qual seus usuários vivem, num mundo globalizado, com tantas desigualdades sociais, onde é necessário ter uma visão de homem e mundo, para conseguir informar aos usuários seus direitos sociais, tendo como objetivo acessar a cidadania e amenizar essa desigualdade profunda.

#### **4 CONCLUSÃO**

O estudo proposto objetivou uma ampliação do conhecimento sobre a relação de netos e avós.

A pesquisa se caracterizou na sede da Legião Mirim de Pederneiras é uma entidade civil, de caráter filantrópico, sem fins lucrativos, que é administrada por uma diretoria voluntária, tendo como missão, preparar adolescentes de 14 à 17 anos e 11 meses, através de cursos e palestras para inserí-los no mercado de trabalho.

No entanto, ao se levantar o perfil dos avós, a predominância é de cor branca, do sexo feminino, de baixa escolaridade. Há predomínio também da faixa etária superior a sessenta e três anos e, quanto ao estado civil, são casados, não são aposentados, possuindo uma renda mensal de até 5 salários mínimos, e não moram com seus netos.

Pôde-se evidenciar que a convivência entre os netos e os avós não está inteiramente desgastada, as mudanças que hoje ocorrem na vida dos idosos e dos adolescentes foram frutos de um longo processo. Pois os adolescentes se relacionam com seus avós muito bem, trocando experiências, sabedorias sobre a vida, tendo uma relação harmoniosa com seus avós.

A maioria não mora com os avós, mas pôde-se perceber que a relação entre eles é de extrema educação e carinho, os netos muitas vezes ensinam para seus avós as novas tecnologias, e os avós por sua vez, ensina tudo o que sabem sobre a vida, ou seja, percebe-se que há uma troca de saberes, sendo essencial para cada um.

Os desafios trazidos pelo envelhecimento da população têm diversas dimensões e dificuldades, mas nada é mais justo do que garantir ao idoso a sua integração na comunidade. Pois o idoso não deve ser tratado apenas com soluções médicas, mas também por intervenções sociais, econômicas e ambientais.

Entretanto, pode-se constatar no estudo como se processa a existência de conflitos familiares entre idosos e netos da Legião Mirim de Pederneiras, percebeu-se que a mesma, na maioria, ocorre pela diferença de idade, ocasionando assim, um ambiente de desrespeito e até a exclusão do idoso do convívio familiar, mas esta realidade pôde-se constatar que está se alterando com o passar do tempo, pois a relação entre os netos e os avós, está proporcionando qualidade de vida de uma forma geral, oportunizando e preservando a sua própria identidade, pois a relação, se dá através da troca de experiências entre gerações tendo sido verificada a oportunidade de compartilhar sabedoria, crescimento pessoal e aquisição de

novos conhecimentos.

Podendo ser observado, que os idosos podem cuidar e transmitir informações culturais para os seus netos, resgatando suas memórias e conhecimentos adquiridos através da experiência.

Através dos resultados pôde-se levantar o perfil dos netos adolescentes da Legião Mirim de Pederneiras, tem idade entre 14 anos à 17 anos, a moram com seus pais, tem uma bom relacionamento com seus avós e estão estudando.

Verifica-se que os netos adolescentes são dotados de agilidades, avidez pelo conhecimento, podendo impelir o velho a movimentar-se para acompanhá-lo, a revirar suas memórias e saberes para oferecer o que anseia. Essa proximidade pode ser vista com maior facilidade na relação entre avós e netos.

De modo geral os adolescentes se deparam com várias situações novas e pressões sociais, favorecendo condições próprias para que apresentem flutuações do humor e mudanças expressivas no comportamento. Assim, o papel dos avós na educação dos netos pode estar sendo delineado sob um novo aspecto na atualidade, baseado em diferentes formas de organização familiar. Os avós envolvem-se no cuidado dos netos, pois as relações sociais do adolescente, notadamente com os pais, são fontes de ansiedade, confusão e, muitas vezes, sentem que ninguém os entende. Paralelamente, sobrevém a angústia de estar só e de ser incapaz de decidir corretamente seu futuro.

Assim, os avós têm a oportunidade com seus netos, de ter uma relação harmoniosa, que ultrapassa os limites práticos e instrumentais, inserindo-se no imaginário das partes envolvidas.

As gerações, especificamente os idosos e adolescentes, almejam alcançar seu espaço, que até então foi retirado, pela imposição da sociedade. Os idosos porque já tiveram seu espaço para construir sua história e agora só resta deixar o tempo passar. Enquanto os adolescentes, ainda pouco representam para a sociedade, a única preocupação pode ser adquirida e conquistada através da convivência harmoniosa entre gerações.

Porém, agora irão se unir para caminharem juntos nessa nova co-geração, onde terão espaços amplos para representarem a beleza que carregam consigo. São sujeitos desiguais que visam direitos iguais e reconhecimento pelo seu espaço.

Tanto que, no próprio universo animal, ocorre a vivência de situações para que os filhotes aprendam através de exemplo. E entre os seres humanos o processo é semelhante, onde a criança vê, imita e aprende com a observação do adulto.

Conclui-se que as contribuições entre adolescentes e idosos proporciona o desenvolvimento pessoal e social de ambas as partes. Apontando também que

principalmente, para o idoso, pois através da intergeracionalidade leva à superação da solidão, pois modifica a sua vida, tornando-se mais críticos, mais participantes da vida social, dizendo acompanhar as informações tecnológicas, estando sempre em dia com as informações, elevando a auto-estima entre as partes, evitando muitas vezes a depressão. Entretanto, pôde ser observada a importância da intergeracionalidade, permitindo uma transformação e superando seus limites entre avós e netos, sendo um estímulo e incentivo para um relacionamento e qualidade de vida saudável.

Entretanto, pôde-se concluir que os avós contribuem para o relacionamento conjugal dos filhos. Ainda que os avós tenham mais experiência, devem se esforçar para não interferir demasiadamente na vida dos filhos, dando conselhos apenas quando lhes forem solicitados. Por vezes, aconteceu de aconselhar mesmo sem pedido, mas há que se ter um profundo respeito pela liberdade dos filhos, caso contrário, podem causar desavenças capazes de atrapalhar a vida da nova família que se formou. Pois, a pesquisa mostrou que uma pequena parcela dos avós não souberam lidar com tal situação familiar, que acabou sendo excluído de algumas atividades realizadas pela família.

Verifica-se que o contato com os familiares, para a realização da pesquisa, através do profissional de Serviço Social, foi bastante positivo para a relação entre os netos e avós, pois através das ações desenvolvidas pelo Serviço Social, houve uma maior reaproximação entre os netos e avós, pois muitos não moram juntos, e uma pequena parcela não se relacionavam ou tinham pouco contato, denotando um compromisso e competência com a população atendida.

Diante dos resultados obtidos, a hipótese ficou comprovada, visto que, a relação entre os netos adolescentes e os avós é de extrema importância para a qualidade de vida e aquisições de valores, sendo que existem os conflitos familiares entre eles e que uma pequena parcela acaba se desentendendo com seus avós.

Portanto, conclui-se que a falta de estímulos, ou mesmo de ações desenvolvidas para atender essa demanda, cabendo aos profissionais de Serviço Social ter uma criticidade e desenvolver ações à essa população.

Acredita-se que os resultados desta pesquisa possam contribuir para a Legião Mirim de Pederneiras e que possa servir como proposta de ações para o alinhamento entre os netos e avós. Essa é uma questão emergente e que necessita estratégias para suprir a necessidade dessa camada da população, pois a relação entre idoso e adolescente muitas vezes está invisível na sociedade contemporânea.

## SUGESTÕES

- Criar novos grupos de netos adolescentes e avós, para que haja a intergeracionalidade.
- Estimular a participação dos idosos com seus netos no final de semana.
- 

## REFERÊNCIAS

ALVES, E. (org) **Modernização produtiva e relações de trabalho**. Perspectiva de Políticas Públicas. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

ANTUNES, R. **Adeus ao Trabalho?** Ensaio Sobre a Metamorfose e a Centralidade do Mundo do Trabalho. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

ARIES, P. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro. Guanabara Koogan, 1978.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edição 70, 1979.

BARROS, M. L. **Testemunho de vida**: um estudo antropológico de mulheres na velhice. São Paulo: Cortez, 2000.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Velhice ou Terceira Idade?** 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

BEAUVOI, R. S. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990, 711p.

BOBBIO, N. O. **Tempo da memória de senectude e outros escritos autobiográficos**. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1997.

BOFF, L. **Saber Cuidar**. Ética do Humano- compaixão pela terra. Petrópolis: Vozes, 1999.

BOSI, E. **Memória e Sociedade**: Lembranças de Velhos. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979, .402.p.

BOURDIEU, P. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Zero, 1983.

\_\_\_\_\_. **Razões Práticas**: sobre a teoria e a ação. Campinas: Papirus, 1996.

BRASIL. **Estatuto do Idoso**: Lei nº10741, de 1º de outubro de 2003. São Paulo: Sugestões Literárias, 2003. 35p.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1988.

\_\_\_\_\_. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei nº8.069, de 13.07.1990. Constituição e Legislação. São Paulo: Cortez, 1991

BRUNO, P. R. M. **Cidadania não tem idade**. São Paulo: Cortez, 2003, 83 p.

CARVALHO, M. C. B. (coord.). **Serviços de Proteção Familiar**. Uma crônica do salário. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

CBIA. Centro Brasileiro para a Infância e Adolescência. O trabalho infanto-juvenil e a visão do Centro Brasileiro para a Infância e Adolescência – CBIA. **Caderno CBIA**. Rio de Janeiro, ano 2, n.7, 1994.

COSTA, M. **Planejamento e Serviço Social**. São Paulo: Cortez, 1993, 196p.

CFESS. **Atribuições Privativas do(a) Assistente Social em Questão**. Brasília, 2002.

DEBERT, G. G. **A reinvenção da Velhice**: Socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: Edusp, 1999, 266p.

DEMO, P. **Pobreza Política**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1991.

FALEIROS, V. P. **Estratégias em Serviço Social**. São Paulo: Cortez, 2001, 228p.

FERRARI, M. A. C. Perspectivas para o idoso no Ano 2000. In: **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**. p. 39-51. São Carlos. Ano III. Vol 3. n 1. Janeiro/Junho 1992.

106p.

FERRIGNO, J. C. O estigma da velhice: Uma Análise do Preconceito aos Velhos a Luz das Idéias de Erving Goffman. **A terceira Idade.**, São Paulo, v.13, n. 24, p. 49- 56, abr. 2002

FIGUEREDO, J.C. **Como anda a sua carreira?** O check-up profissional vai ajuda-lo a mudar seu modo de vida. São Paulo: infinito, 2000

FORQUIN, J. C. **Relações entre gerações e processo educativos:** transmissões e transformações. São Paulo: SESC, 2003.

GRACIANO, M. I. G. Estudo sócio-econômico: um instrumento estratégico do Serviço Social. **Construindo o Serviço Social.** Instituto de Pesquisas e Estudos. Divisão de Serviço Social. Bauru: ITE, 1998.

GOMES, S. O. et al. Direito dos idosos: III Projetos de Direito Solidário do CESUT Núcleo de Estudos de Direito Previdenciário. **Revista Jurídica.** Centro de Ensino Superior de Jataí. Jataí, GO, v.5, n.7, 1º sem. 2005. p105-122.

GUERRA, Y. **A instrumentalidade do Serviço Social.** São Paulo, 24 fev. 1999. Tendências/ Debates.

IAMAMOTO, M. V. **Estratégias em Serviço Social.** São Paulo: Cortez, 1999, 326p.

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Perfil dos idosos responsáveis pelos Domicílios no Brasil.** 2000. Caderno Estudos e Pesquisas, nº9, Rio de Janeiro.

KALOUSTIAN, S. M. (org). **Família Brasileira a base de tudo.** 4 ed. São Paulo: Cortez, 2000, 183p.

KAMEYAMA, N. **A trajetória da produção de conhecimentos em Serviço Social:** avanços e tendências (1975-1997). In: ABESS/CEDEPSS. Cadernos ABESS. Diretrizes curriculares e pesquisas em Serviço Social. n.8. São Paulo: Cortez, 1998.

LORDA, C. R. e SANCHEZ, C. D. **Recreação na Terceira Idade.** Rio de Janeiro: Ed.

Sprint, 2. ed., 1998.

MARTINELLI, M. L. **Pesquisa Qualitativa: um instigante desafio.** São Paulo: Veras, 1999, 143p.

MINAYO, M. C. S. **Violência contra idosos: o avesso do respeito à experiência e a sabedoria.** Brasília Secretaria Especial de Direitos Humanos, 2.ed. 2005.

MORAGAS, R. **Gerontologia Social: Envelhecimento e Qualidade de vida.** São Paulo: BR: Paulinas, 1997.

NERI, A. L. **Maturidade e Velhice.** Campinas: Papirus, 2001, 200p.

OLIVEIRA, R. C. S. **Terceira Idade: Do repensar dos limites aos sonhos possíveis.** São Paulo: Paulinas, 1997, 150p.

\_\_\_\_\_. **Qualidade de vida e Idade Madura.** Campinas: Papirus, p.115- 237, 1993.

\_\_\_\_\_. A.L. (org). **Qualidade de vida e idade madura.** 3.ed. São Paulo: Papirus, 2002. 85p.

OLIVEIRA, O.; PIRES, J. M. O trabalho da criança e do adolescente. In: FERNANDES, R. **O Trabalho no Brasil no limiar do século XXI.** São Paulo: LTR, 1995.

PAVARINI, S.C.I.; NERI, A. L. Compreendendo dependência, independência e autonomia no contexto domiciliar conceitos, atitudes e comportamentos. In: Duarte, Diogo, M.J.D. **Atendimento domiciliar um enfoque gerontológico.** São Paulo Editora Atheneu, 2000.

PEIXOTO, A. C. G. **Mapa da qualidade de vida, ou uma pequena viagem ao mundo dos sonhos!.** Rio de Janeiro: Qualitymark, 1999.145p.

PINTO, M. E. B. A dinâmica do cuidado na trajetória individual e nos contextos familiar e sócio-cultural. In: **Concepções de velhice e cuidado em três gerações de origem nipo-brasileira.** Universidade Estadual de Campinas-Faculdade de Educação. 1997. 286p.

RIPE – Revista do Instituto de Pesquisas e Estudos: Construindo o Serviço Social, Bauru, v.13, n. 24, p. 01-68, jul./dez.2009.  
BERTIZOLI, Rafaela Ivelize; CALOBRIZZI, Maria Dvanil D'avila. Um estudo intergeracional entre os avós e netos adolescentes da legião mirim de pederneiras e o serviço social nesse cenário de relações.

Dissertação para Título de Doutor em Educação na Área de Concentração: Psicologia Educacional.

POZZO, O. D. Os Centros de Convivência. **Revista A terceira Idade**, São Paulo: SESC/SP, v.12, n22, p.22-35, jul.2001.

RIBEIRO, A. **Manual para viver bem uma longa vida**. São Paulo: Engrasa, 1993

RIZZINI, I. et. Al. **A Criança e o Adolescente no Mundo do Trabalho**. Rio de Janeiro: Amaiz, 1996.

ROMANELLI, G. Autoridade e poder na família “In:\_\_\_\_\_”, **A família contemporânea em debate**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2000, p.76.

SABOIA, J. **Trabalho infanto-juvenil no Brasil dos anos 90**. Cadernos de Políticas Sociais. Brasília, n., p.1-18, out. 1996.

SALGADO, M. A. **Velhos, uma nova questão social**. São Paulo: SESC/CET. 2. ed., p. 29-35, 1982.

SANTOS, R. A. M; Santos Junior, M. F. Concepções de qualidade de vida de idosos asilados de Penápolis-SP. **Universitária: Revista das Faculdades Integradas Toledo**, Presidente Prudente, SP, v.6, n.1, p. 126-134, jun.2003.

SECCO, C. L. T. **Além da Idade da Razão**. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1994.

SOUZA, M.I.F.P. A Situação da Criança e do Adolescente Diante da Nova Legislação. **Revista Serviço Social & Realidade**. Franca, ano 3, n.4, p.97-112, 1995.

SPOSATI, A. **A menina LOAS: processo de construção da Assistência Social**. 2 ed. São Paulo : Cortez, 2005. 84p.

SPOSATI, A. Crianças: direitos e discriminação. **Revista Serviço Social e Sociedade**. n.º37. Rio de Janeiro: Cortez, 1998.

RIPE – Revista do Instituto de Pesquisas e Estudos: Construindo o Serviço Social, Bauru, v.13, n. 24, p. 01-68, jul./dez.2009.  
BERTIZOLI, Rafaela Ivelize; CALOBRIZZI, Maria Dvanil D'avila. Um estudo intergeracional entre os avós e netos adolescentes da legião mirim de pederneiras e o serviço social nesse cenário de relações.

SCHIRRMACHER, F. **A revolução dos idosos:** o que muda no mundo com o aumento da população mais velha. Trad. Maria do Carmo Ventura Wollny. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

TIBA, I. **Puberdade e adolescência:** desenvolvimento biopsicossocial. São Paulo, Agora, 1980.

VERAS, R. **Terceira Idade:** Um olhar um envelhecimento digno para um cidadão. Rio de Janeiro: Dumará, 1995, 110p.

ZAGURY. T. **O adolescente por ele mesmo.** 7.ed. Rio de Janeiro: Record, 1996. 277p.

ZIMERMAN, G. I. **Velhice:** Aspectos Biopsicossociais. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000. 229p.